



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

RAFAELA DE SOUZA VIANA

GERTRUDIS GÓMEZ DE AVELLANEDA E MARIA FIRMINA DOS REIS:
A HUMANIZAÇÃO DO MARGINALIZADO NA LITERATURA
LATINO-AMERICANA

João Pessoa-PB

Julho de 2021

RAFAELA DE SOUZA VIANA

GERTRUDIS GÓMEZ DE AVELLANEDA E MARIA FIRMINA DOS REIS:
A HUMANIZAÇÃO DO MARGINALIZADO NA LITERATURA
LATINO-AMERICANA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva

João Pessoa-PB

Julho de 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V614g Viana, Rafaela de Souza.

Gertrudis Gómez de Avellaneda e Maria Firmina dos Reis:
a humanização do marginalizado na Literatura
Latino-americana / Rafaela de Souza Viana. - João
Pessoa, 2021.
55 f.

Orientadora: Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2021.

1. Avellaneda, Gertrudis Gómez de. 2. Reis, Maria
Firmina dos. 3. Literatura de autoria feminina. 4.
Literatura Latino-americana - Século XIX. I. Silva,
Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-055.2

RAFAELA DE SOUZA VIANA

GERTRUDIS GÓMEZ DE AVELLANEDA E MARIA FIRMINA DOS REIS:
A HUMANIZAÇÃO DO MARGINALIZADO NA LITERATURA
LATINO-AMERICANA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

TCC defendido em: 14/07/2021

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Franciane Conceição da Silva (UFPB-DLCV)
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB-DLCV)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Karina de Almeida Calado (SEE-PE)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Mirian Cristina dos Santos (UNIFESSPA)
(Examinadora suplente)

João Pessoa-PB

Julho de 2021

*Dedico este trabalho a todas as mulheres que
fizeram e fazem da escrita literária um lugar
de denúncia, resistência e insubordinação.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

Aos meus pais, Fátima e Naldo, pelo apoio incondicional e por guiar-me sempre.

À minha orientadora, professora Franciane, que de imediato acolheu minha proposta para este trabalho e me incentivou a construí-la. Agradeço também pelas importantes reflexões trazidas em suas aulas, por mostrar que nós professores podemos transcender horizontes por meio do ensino da literatura.

Aos professores do DLCV e do DLPL, pelo aprendizado ao longo desta graduação.

Aos meus professores da graduação em Letras-Espanhol. Em especial, ao professor Juan e à professora María Hortensia, que tanto me inspiram, obrigada por todo conhecimento compartilhado.

A toda equipe do Programa Linguístico-Cultural para Estudantes Internacionais (o PLEI), projeto de extensão do ensino do Português para estrangeiros, do qual participei por dois anos.

Vocês são incríveis!

À professora Oriana Fulaneti, coordenadora do PLEI em 2019, e ao professor José Wellisten, coordenador do PLEI a partir de 2020, agradeço pela oportunidade de crescimento enquanto docente, por todos os momentos que compartilhamos e pelo apoio e incentivo.

Às amigas Ana Cláudia, Lívia, Rebeca e Taliana, obrigada por compartilharem as alegrias e as aflições da graduação.

Aos amigos Elana, Lucas e Taliana, por nossa trajetória de companheirismo e inúmeros momentos no PLEI.

Às amigas Cátia e Mariana, pelo companheirismo e incentivo ao longo dos nossos onze anos de amizade.

Às professoras Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne e Karina de Almeida Calado, integrantes da Banca Avaliadora, por aceitarem o convite de examinar e enriquecer este trabalho com suas reflexões.

“Eu não estudo para escrever, muito menos para ensinar (que seria em mim excessiva soberba), mas unicamente para ver se, estudando, ignoro menos.

Assim o respondo e assim o sinto.”

(Sor Juana Inés de la Cruz, tradução nossa)

“Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, escrever adquire um sentido de insubordinação.”

(Conceição Evaristo)

RESUMO

Este trabalho monográfico tem por objetivo investigar como se estrutura na Literatura Latino-americana oitocentista traços de uma literatura contra-hegemônica, evidenciados nos romances *Sab* (1841), da autora cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda, e *Úrsula* (1859), da autora brasileira Maria Firmina dos Reis. A partir desse panorama, analisaremos como as obras dessas escritoras desconstróem os paradigmas literários de sua época ao possibilitarem que as vozes de personagens marginalizados por sua condição social e/ou racial pudessem ser ecoadas, narrando suas dores diante sua condição de escravizados/as, construindo, assim, uma perspectiva humanizada desses indivíduos. A denúncia do silenciamento da escrita de autoria feminina no século XIX, é outro fator que se destaca em nossa análise. Ao investigarmos os romances de Avellaneda e Firmina, pudemos observar que tanto os/as homens e mulheres escravizados/as como a mulher branca, de diferentes formas, foram subjugados através do poder exercido pelo patriarcado escravocrata. Esse aspecto social, elemento externo ao texto, torna-se um elemento interno na constituição dos enredos dessas obras. Assim, tendo como base a teoria sociológica de Candido (2010; 2004), Facina (2004); os estudos de Duarte (2018); Pastor (2002), observamos como se configura em *Sab* e em *Úrsula* a constituição de um fio narrativo que tem como mote a humanização de personagens marginalizados.

Palavras-chave: literatura de autoria feminina; Gertrudis Gómez de Avellaneda; Maria Firmina dos Reis; Literatura Latino-americana; século XIX.

RESUMEN

Este trabajo monográfico pretende investigar cómo se estructuran las huellas de una literatura contrahegemónica en la Literatura Latinoamericana del siglo XIX, evidenciadas en las novelas *Sab* (1841), de la autora cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda, y *Úrsula* (1859), de la autora brasileña Maria Firmina dos Reis. A partir de este panorama, analizaremos cómo las obras de estas escritoras deconstruyen los paradigmas literarios de su época al permitir que las voces de los personajes marginados por su condición social y/o racial pudieran resonar, narrando sus dolores ante su condición de esclavos, construyendo, así, una perspectiva humanizada de estos individuos. La denuncia del silenciamiento de la escritura femenina en el siglo XIX, es otro factor que se destaca en nuestro análisis. Al investigar las novelas de Avellaneda y Firmina, pudimos observar que tanto los/las hombres y mujeres esclavizados como la mujer blanca, de diferentes maneras, fueron subyugados a través del poder ejercido por el patriarcado esclavista. Este aspecto social, elemento externo al texto, se convierte en un elemento interno en la constitución de las tramas de estas obras. Así, a partir de la teoría sociológica de Candido (2010; 2004), Facina (2004); los estudios de Duarte (2018); Pastor (2002), observamos cómo se configura en *Sab* y *Úrsula* la constitución de un hilo narrativo que tiene como tema la humanización de los personajes marginados.

Palabras clave: literatura de autoría femenina; Gertrudis Gómez de Avellaneda; Maria Firmina dos Reis; Literatura Latinoamericana; siglo XIX.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MULHER E LITERATURA: UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA	13
2.1 O retrato da escravidão nas colônias latino-americanas	18
3 ENTRE AUTORAS: GERTRUDIS GÓMEZ DE AVELLANEDA E MARIA FIRMINA DOS REIS	23
4 DE SAB A ÚRSULA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDEOLOGIA HUMANIZADORA NA FICÇÃO DE AUTORAS OITOCENTISTAS	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A escrita feminina durante o século XIX constituiu-se um grande desafio para todas as mulheres que ousaram usar suas penas como um meio de expressão artística e de denúncia social. Vivendo em uma época em que a mulher devia ater-se ao trabalho doméstico e na qual a educação era tida como um bem desnecessário a elas, exceto a educação que visava prepará-las para o cuidado do lar, essas escritoras tiveram que lutar contra toda uma sociedade que insistia em colocá-las em um espaço de submissão, negando-lhes o lugar da intelectualidade.

Nesse contexto, a literatura produzida pela cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda (1814-1873) se destaca por ser a produção artística de uma mulher no século XIX. Já a literatura produzida pela brasileira Maria Firmina dos Reis (1822-1917), se destaca por ser a produção artística de uma mulher negra em um país escravocrata. No âmbito de suas narrativas, essas autoras também se destacam pelo olhar que elas lançam às mazelas de suas respectivas sociedades. Dos Reis e Avellaneda produzem uma literatura na qual o marginalizado, o homem escravizado e a mulher escravizada, que eram tidos como seres sem alma, sem sentimentos, passam a ser representados/as com as suas dores e alegrias, suas ambiguidades e complexidades. Essas personagens humanizadas pelas autoras possibilitam um olhar mais empático do/da leitor/a, ganhando espaço de fala e também de escuta. Dessa maneira, observamos como na literatura produzida por essas autoras o/a escravizado/a negro/a, aviltado/a pela sociedade, é representado/a com sua subjetividade demarcada, no intuito de destacar a humanidade desses indivíduos, humanidade que foi apagada com o propósito de justificar a violência imposta a esses corpos, durante o longo processo de colonização e escravidão.

Esse cenário social fomentou a empatia desta investigadora pela literatura de produção feminina durante o século XIX, como também o interesse pela relação literatura e sociedade que fundamenta essa escrita. Por fim, a eleição de trabalhar com Maria Firmina dos Reis e Gertrudis Gómez de Avellaneda emerge do desejo de unir a literatura brasileira com a literatura de língua espanhola, posto que sou graduada no curso de licenciatura em Letras-Espanhol por essa mesma instituição de ensino.

Dessa maneira, procuramos neste trabalho, a partir da análise da literatura produzida por mulheres latino-americanas no século XIX, observar como se dá a humanização do corpo escravizado, do corpo marginalizado, na obra de duas autoras que foram pioneiras em retratar com criticidade a situação dos escravizados nas colônias latino-americanas. Para tal

investigação, selecionamos o romance *Sab*, publicado por Gertrudis Gómez de Avellaneda em 1841, e o romance *Úrsula*, publicado por Maria Firmina dos Reis em 1859.

Como suporte teórico desta investigação, recorremos aos estudos de Antonio Candido (2010; 2004) e Adriana Facina (2004) no que diz respeito à relação literatura e sociedade; Bárbara Andreta (2016), que investigou as visões da escravatura na América Latina a partir dos romances *Sab* e *Úrsula*; Brígida Pastor (2002), que desenvolveu um estudo sobre as obras de Gertrudis Gómez de Avellaneda e Eduardo de Assis Duarte (2018), que contribui com estudos sobre a obra de Maria Firmina dos Reis.

No que diz respeito ao âmbito acadêmico, este trabalho pretende refletir sobre a literatura de autoria feminina brasileira e hispano-americana de cunho abolicionista produzida durante o século XIX, literatura que é precursora de outras vozes autorais que utilizaram e utilizam sua escrita em defesa de grupos marginalizados e estigmatizados, como as mulheres, os pobres, os negros e os indígenas. Nesse contexto, entre as autoras brasileiras, destacamos nomes, tais como: Raquel de Queiroz (cearense, 1910-2003), Carolina Maria de Jesus (mineira, 1914-1977), Conceição Evaristo (mineira, 1946-), Miriam Alves (paulista, 1952-); entre as autoras hispano-americanas destacam-se Julia de Burgos (porto-riquenha, 1914-1953), Griselda Gambaro (argentina, 1928-), Ana Teresa Torres (venezuelana, 1944-), Carmen Boullosa (mexicana, 1954-), entre outras.

Para um melhor desenvolvimento do trabalho, organizamos o estudo em cinco seções, a saber: primeira seção, a presente introdução; segunda seção, o primeiro capítulo dedicado à compreensão do contexto histórico que envolve a escrita de autoria feminina e, em um subcapítulo, abordamos o cenário da escravidão nas colônias do Novo Mundo, o que impacta na constituição sócio-cultural de Cuba e do Brasil e das respectivas autoras aqui investigadas; terceira seção, nosso segundo capítulo que apresenta uma introdução à biografia de Gertrudis Gómez de Avellaneda e de Maria Firmina dos Reis, pontuando as intersecções e diferenças entre as autoras; quarta seção, capítulo três, dedicado à análise dos aspectos que constituem o fio narrativo nas obras *Sab* e *Úrsula*: a humanização das personagens marginalizadas; na quinta e última seção, apresentamos nossas considerações finais.

2 MULHER E LITERATURA: UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

Para compreendermos as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que no século XIX utilizaram sua pena para possibilitar a abertura de um espaço de fala a grupos sociais oprimidos, necessitamos direcionar nosso olhar para o lugar imposto ao sexo feminino ao longo da história. Diante desse recorte, percebemos que muitos foram os estereótipos construídos em torno da criação literária feminina com o intuito de menosprezar a capacidade intelectual das mulheres escritoras. Essa ação orquestrada tinha o intuito de supervalorizar a produção literária masculina em detrimento da feminina, desestimulando as mulheres de ingressarem pelo caminho da escrita.

Michelle Perrot (2007), historiadora e pesquisadora da história das mulheres, ressalta que a condição da mulher como criadora de arte sempre foi rechaçada pelas sociedades, tendo, nesse caso, as sociedades de diferentes séculos, buscado suas próprias justificativas para inferiorizar o intelecto feminino. Vejamos algumas dessas justificativas que permearam o imaginário de nossas sociedades:

Os gregos fazem do *pneuma*, o sopro criador, propriedade exclusiva do homem. ‘As mulheres jamais realizaram obras-primas’, diz Joseph de Maistre. Auguste Comte as vê como capazes apenas de reproduzir. Como Freud, que lhes atribui, entretanto, a invenção da tecelagem: ‘Estima-se que as mulheres trouxeram poucas contribuições às descobertas e às invenções da história da cultura, mas talvez elas tenham inventado uma técnica, a da trançagem e da tecelagem. Por que isso? Alguns dão para essa deficiência um fundamento anatômico. Os fisiologistas do final do século XIX, que pesquisam as localizações cerebrais, afirmam que as mulheres têm um cérebro menor, mais leve, menos denso. (PERROT, 2007, p. 96).

Nas sociedades ocidentais, a posição inferior do sexo feminino passou a ser disseminada com maior profusão na Idade Média¹, período no qual a Igreja Católica se transforma na grande regente mundial, ditando o código moral que deveria ser adotado por toda a sociedade. É interessante ressaltarmos que a Idade Média foi

[...] herdeira dos costumes romanos e germânicos, e herdeira de um sistema de crenças forjadas no Oriente Médio, se fundamenta no patriarcado. Para utilizar a linguagem dos teólogos, enquanto que o varão é um *agente ativo*, a mulher não é

¹ Vale a pena ressaltar que a Idade Média assimilou hábitos culturais referentes à visão perpetuada sobre as mulheres que foram advindos da Antiguidade. Nesse sentido, os posteriores períodos históricos, Idade Média e Idade Moderna, vão ressignificar, de acordo com seus interesses, a visão acerca dos papéis sociais atribuídos às mulheres, ocorrendo, assim, uma variação desse tratamento ao longo da nossa história, sofrendo a mulher, em determinados momentos, maiores restrições que em outros.

mais que um *agente passivo*. (RUCQUOI, 1995, p. 6, tradução nossa, grifo da autora)².

Nesse contexto, o ideal de família, abençoado em matrimônio pela Igreja, tendo a figura do homem como o senhor do lar; a mulher, submissa aos seus desejos e totalmente dedicada ao cuidado dos filhos, foi definido em 1545, já na Idade Moderna, pelo Concílio de Trento convocado pela Igreja Católica para reformulação dos seus dogmas. Mary Del Priore (2014) sinaliza que o Concílio foi um instrumento de combate contra a Reforma Protestante e um auxílio na dispersão do catolicismo no Novo Mundo. Para a historiadora, a Igreja Católica buscava universalizar as suas normas para o casamento e a família, dentro desse universo, a mulher tinha uma função fundamental: “Cabia-lhe ensinar aos filhos a educação do espírito: rezar, pronunciar o santo nome de Deus, confessar-se com regularidade, participar de missas e festas religiosas” (DEL PRIORI, 2014, p. 11). Dessa maneira, observa-se que a imagem feminina é construída a partir dos padrões masculinos, o que impõe socialmente uma estereotipificação do conceito de feminilidade, como refletiu Simone de Beauvoir no livro *Segundo Sexo* (volume 2 - A experiência vivida):

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. (BEAUVOIR, 1967, p. 9, grifo da autora).

Nesse universo, observamos dentro da ordem estrutural do Novo Mundo, cujos costumes e tradições foram cimentados a partir do modelo social ibérico estabelecido desde a Idade Média e trazidos pelos colonizadores, que a posição dada à mulher foi um reflexo dos hábitos já consumados pela sociedade europeia. O cristianismo, nesse contexto, instituiu dois modelos de imagem sobre a mulher, o de Eva e o de Maria. O modelo mariano é o exemplo ideal de mulher, obediente ao sexo masculino; o de Eva, aquele que deveria ser evitado, já que ela foi a responsável por ter induzido o homem ao pecado. Del Priore (2014) relata que a mulher deveria transmitir uma imagem de “santa mãezinha”. Se ela não atendesse a esse ideal,

[...] seria confundida com um ‘diabo doméstico’. Afinal, sermões difundiam a ideia de que a mulher podia ser perigosa, mentirosa e falsa como uma serpente. Pois ela

² Do original em espanhol: “[...] heredera de las costumbres romanas y germánicas, y heredera de un sistema de creencias forjado en Oriente Medio, se fundamenta en el patriarcado. Para utilizar el lenguaje de los teólogos, mientras que el varón es un agente activo, la mujer no es más que un agente pasivo.”

não havia conversado com uma no paraíso? O modelo ideal era Nossa Senhora. Modelo de pudor, severidade e castidade. (DEL PRIORE, 2014, p. 12).

Assim, por meio do construto desse código social — vigente desde a Idade Média, perpetuado na Idade Moderna, e, em certa medida, até os nossos dias atuais — constituiu-se uma normalização do silenciamento feminino, sendo negado às mulheres o acesso a determinados espaços, como o da arte e o da educação. A respeito do silêncio histórico imposto às mulheres, Graciela Cabal, escritora argentina do século XX, observou que mulheres silenciadas “[...] não é o mesmo que silenciosas. Porque as silenciosas podem escolher o silêncio.” (CABAL, 2000, p. 88, tradução nossa) ³.

Direcionando nosso olhar para a escrita das escritoras aqui investigadas, percebemos que as personagens centrais de seus romances, Carlota e Úrsula, respectivamente protagonistas de *Sab* e *Úrsula*, enfrentam o silenciamento de diferentes perspectivas. Carlota se verá presa a um matrimônio infeliz, do qual não pode escapar; já Úrsula terá sua vontade, o direito sobre si mesma, desrespeitado por um homem, seu tio. No capítulo de análise dessas obras abordaremos essa questão com maior profundidade. No próximo capítulo também refletiremos como o silenciamento imposto ao sexo feminino afetou as carreiras literárias de Gertrudis e Firmina. Retomando a reflexão a respeito da fala de Graciela Cabal (2000), é importante sinalizarmos que ao longo da história o direito de escolha foi, muitas vezes, negado às mulheres, restando-lhes duas opções: primeira, aceitar a imposição da sociedade patriarcal; segunda, rebelar-se e ser tratada como uma pária pelos grupos sociais que a formavam.

Nesse universo, o fazer literário de autoria feminina no século XIX pode ser considerado um ato de coragem, transgressão e rebeldia. É importante ressaltar que no século XIX, as ideias perpetuadas ainda na Idade Média, difundidas desde a Antiguidade, seguiam sendo parâmetro para o comportamento social das mulheres. Dessa maneira, a mulher estava subjugada apenas a um espaço, o lar; e a vários deveres, ser honrada, ser dedicada ao cuidado da casa e dos filhos, obedecer ao pai, irmãos e, por fim, ao marido.

De acordo com Perrot (2007, p. 97),

Recusam-se às mulheres as qualidades de abstração (as ciências matemáticas lhes seriam particularmente inacessíveis), de invenção, de síntese. Reconhecem para elas outras qualidades: intuição, sensibilidade, paciência. Elas são inspiradoras, e mesmo

³ Do original em espanhol: “[...] que no es lo mismo que silenciosas. Porque las silenciosas pueden elegir el silencio.”

mediadoras do além. Médiuns, musas, ajudantes preciosas, copistas, secretárias, tradutoras, intérpretes. Nada mais.

Podemos dizer que no século XIX, como ainda nos dias atuais, são relegadas às mulheres tarefas que as deixam sempre em um segundo plano, raramente lhes são oferecidas funções nas quais elas possam “ofuscar” posições de destaque atreladas ao sexo masculino. Assim, tem-se observado que a escritura feminina esteve, durante muito tempo, restrita à sua utilidade para as tarefas do lar, a correspondência privada da família, ou a contabilidade de pequenas empresas, controle das hospedarias e dos trabalhadores e era, muitas vezes, as mulheres instruídas que exerciam o papel de escrivão público (PERROT, 2007). Foi no século XIX que a escrita ficcional feminina começou a ganhar espaço através dos romances publicados nos folhetins. Para Cabal (2000), a literatura feita por mulheres apresenta marcas próprias, que abordam temáticas que são específicas desse gênero. Nessa perspectiva, a autora acredita que

[...] existe um olhar de mulher — e um olhar, já sabemos, cria o objeto — que ilumina certas zonas da realidade, descobrindo recônditos de inesperada riqueza. [...] existe uma voz de mulher, que talvez possamos assemelhar ao estilo do que fala Barthes; ao estilo, que nasce das profundidades míticas do escritor, a escritora, está enclausurado em seu corpo, na sua história. (CABAL, 2000, p. 85, tradução nossa)⁴.

Nesse sentido, aqui é importante destacarmos alguns nomes do cenário latino-americano que durante o século XIX ousaram escrever literatura conferindo um olhar e um estilo único para seus escritos, iluminando realidades, frequentemente, silenciadas pelo patriarcado. Essas autoras, com Gertrudis Gómez de Avellaneda e Maria Firmina dos Reis — entre outras autoras, não mencionadas aqui pela restrita dimensão deste trabalho — constituem o alicerce da literatura feminina latino-americana no século XIX.

O primeiro nome que devemos destacar é o da brasileira Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), que em 1849 publica o poema *A lágrima de um Caeté* condenando as ações dos colonizadores e defendendo o povo indígena. Em 1850, a autora publica *Dedicação d'uma amiga*, obra que pode ser considerada o primeiro romance de autoria feminina do Brasil (DUARTE, 2018a). No ano de 1853, Nísia publica *Opúsculo humanitário*, obra em que aborda como tema central a educação feminina, mas que também traz uma crítica à escravidão (ALVES, 2019).

⁴ Do original em espanhol: “[...] hay una mirada de mujer — y la mirada, ya sabemos, crea el objeto — que ilumina ciertas zonas de la realidad, descubriendo recovecos de insospechada riqueza. Y pienso que hay una voz de mujer, que quizá podamos asimilar al estilo del que habla Barthes; el estilo, que nace de las profundidades míticas del escritor, la escritora, está encerrado en su cuerpo, en su historia.”

A argentina Juana de Paulo Manso Noronha (1819-1875) publica em Buenos Aires, no ano de 1854, *La família del comendador*, um romance de folhetim de cunho abolicionista, narrado no Brasil, já que a autora viveu alguns anos em nosso país (DUARTE, 2018a). A peruana Clorinda Matto de Turner (1845-1909) publica *Aves sin nido* em 1889, uma obra de temática indígena, na qual a autora estimula a perspectiva de que os povos indígenas devem ser inseridos no plano de articulação para a modernização nacional, fugindo assim da exploração das classes dominantes e integrando o plano da burguesia modernizadora. (CONEJO POLAR, 1994).

Sara Beatriz Guardia (2013), pesquisadora, fundadora e diretora do *Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina* (CEMHAL), comenta que não foi uma tarefa fácil para as autoras latino-americanas romper com o silêncio imposto a elas no século XIX. De acordo com a pesquisadora, apesar de fatos como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, nos séculos XVII e XVIII, que provocaram mudanças sociais contribuindo para a valorização dos estudos femininos na Europa, observou-se que na América Latina, todavia, existia um clima de intolerância e de hegemonia do discurso masculino. Contudo, apesar de todas as dificuldades impostas para a educação feminina e, conseqüentemente, para o seu fazer literário, observa-se que muitas mulheres conseguiram produzir literatura na América Latina no período oitocentista, como bem destaca Guardia, que sinaliza a preferência temática dessas autoras:

[...] Gertrudis Gómez de Avellaneda (Cuba 1814-1873), Juana Manuela Gorriti (Argentina 1818-1892), Maria Firmina dos Reis (Brasil 1825[1822]-1917), Mercedes Cabello de Carbonera (Peru 1845-1909), Lindaura Anzoátegui (Bolívia 1846-18980), Clorinda Matto de Turner (Peru 1858-1909), e Adélia Zamudio (Bolívia 1854-1928). Excluídas e marginalizadas do sistema de poder, essas escritoras outorgaram voz aos desvalidos excluídos, questionando as relações inter-raciais e de classe. (GUARDIA, 2013, p. 18).

Não é de causar admiração encontrarmos os nomes de Gertrudis Gómez de Avellaneda e Maria Firmina dos Reis entre as autoras oitocentistas mencionadas por Guardia (2013), essas escritoras surpreendem, pois, em uma época tão conturbada para o fazer literário feminino como o século XIX, trazem à baila um novo olhar, iluminando realidades, como tão bem ressaltou Cabal (2000) e, principalmente, humanizando realidades até então suprimidas pela força do patriarcado. Nesse sentido, é importante observarmos que o patriarcado é um sistema modelado através da intersecção de três elementos, o machismo, o classismo e o racismo. Para a pesquisadora Carla Akotirene (2019, p. 31) “necessitamos compreender cisheteropatriarcado, capitalismo e racismo, coexistindo, como modeladores de experiências e

subjetividades da colonização até os dias da colonialidade”. Dessa forma, observamos que através da compreensão estrutural do patriarcado conseguiremos obter uma percepção de como esse sistema atuou e atua sobre grupos marginalizados, como mulheres, pobres, negros, etc.

Situando-nos nessa perspectiva do patriarcado como elemento modelador das realidades dos países colonizados na América, propomos a seguir, para melhor apreensão do contexto sócio-histórico e análise das obras que aqui serão investigadas, uma breve inserção nos fatos e nas visões que permearam a estrutura da América escravocrata, o que interferiu na constituição da sociedade escravocrata brasileira e cubana do século XIX e, conseqüentemente, nas perspectivas das autoras cujas obras analisaremos.

2.1 O retrato da escravidão nas colônias latino-americanas

Partindo do pressuposto de que a literatura é um produto cultural, compreendemos que, assim, como a cultura se constitui por toda uma diversidade de ideias e crenças, que caracterizam a sociedade, a literatura torna-se, conseqüentemente, um produto dessa constituição cultural, “sendo assim, analisar uma determinada manifestação cultural significa tomar a relação entre o objeto e o seu contexto como uma interação e não como uma determinação de mão única”. (FACINA, 2004, p. 25).

Com esse enfoque, neste subcapítulo nos dedicamos a traçar uma breve introdução do contexto escravocrata vigente entre os séculos XV e XIX no Continente Americano e, de maneira específica, no Brasil e em Cuba, uma vez que “[...] analisar visões de mundo e ideias transformadas em textos literários supõe investigar as condições de sua produção, situando seus autores histórica e socialmente”. (FACINA, 2004, p. 25).

Como já comentado anteriormente, as sociedades latino-americanas beberam das tradições e códigos morais vigentes nos países ibéricos colonizadores do Novo Mundo. A escravidão já era uma prática recorrente na história da humanidade quando os colonizadores portugueses e espanhóis encontraram o novo continente entre os séculos XV e XVI. Para o jornalista Laurentino Gomes (2019), a descoberta do novo continente mudaria totalmente a maneira como a escravidão era até então utilizada. De acordo com o jornalista e escritor,

Nada foi tão volumoso, organizado, sistemático e prolongado quanto o tráfico negreiro para o Novo Mundo: durou três séculos e meio, promoveu a imigração forçada de milhões de seres humanos, envolveu dois oceanos (Atlântico e Índico), quatro continentes (Europa, África, América e Ásia) e quase todos os países da

Europa e reinos africanos, além de árabes e indianos que dele participaram indiretamente. Além disso, redesenhou a demografia e a cultura da América, cujos habitantes originais, os indígenas, foram dizimados e substituídos por negros escravizados. Até 1820, para cada branco europeu que aportava no continente americano, chegavam outros quatro africanos cativos. Também, pela primeira vez, escravidão se tornou sinônimo da cor da pele negra, origem da segregação e do preconceito racial que ainda hoje assustam e perturbam a convivência entre pessoas em muitos países [...] (GOMES, 2019, p. 25-26).

Ainda de acordo com Gomes (2019), a escravidão dos africanos/as, fundadora de uma ideologia racista, justificava-se com argumentos que caracterizavam o negro como um ser selvagem, bárbaro, promíscuo, entre outros qualificativos pejorativos. Entendia-se, então, que para alcançar um grau de humanidade a população negra deveria aprender por meio da servidão.

Dentro desse panorama, verificou-se, em um contexto mundial que era regido pelo cristianismo, a necessidade de justificar a escravidão por intermédio de argumentos disseminados pela Igreja. Dessa forma, de acordo com Ivan Bilheiro (2008), a escravidão dos africanos/das africanas foi legitimada teologicamente através de três aspectos correlacionados a uma maldição divina, são eles: primeiro, a escravidão seria resultado do pecado original de Adão e Eva, logo, seria algo intrínseco a humanidade; segundo, os negros seriam descendentes de Caim, personagem bíblico que mata o irmão por inveja e, por esse motivo, tem sua pele marcada. A cor da pele negra seria a marca de Caim, a marca da maldição divina; terceiro, os negros seriam descendentes de Cam, filho de Noé que fora amaldiçoado, com sua descendência, por ter ofendido o pai, quando ele embriagado dormira desnudo. Em vez de cobrir o corpo do pai, Cam foi contar a situação aos irmãos, ofendendo o patriarca.

Gomes (2019, p. 74) relata que “durante os três séculos de escravidão na América, inúmeros teólogos, pregadores e chefes da Igreja usaram a maldição de Cam para defender o cativeiro dos africanos”. Nesse contexto, é interessante observarmos o papel da Igreja Católica, tanto para a implementação e manutenção do sistema escravagista como para o silenciamento imposto ao sexo feminino, circunstância já discutida no início deste capítulo. Diante desses fatos, Del Priore (2012) relaciona a escravidão e o silenciamento das mulheres, destacando o envolvimento da Igreja em ambas as relações de dominação. Para a historiadora, a Igreja Católica

[...] explorou as relações de dominação que presidiam o encontro de homem e mulher dentro da casa, incentivando a última a ser exemplarmente submissa. A relação de poder já implícita na escravidão se reproduzia nas relações mais íntimas entre marido e mulher, condenando esta a ser uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar roupa, servir ao chefe de

família com sexo, dando-lhe filhos que assegurassem sua descendência e servindo como modelo para a sociedade com que sonhava a Igreja. (DEL PRIORE, 2012. p. 13).

Como já abordamos anteriormente, o século XIX é um produto de todo o construto fomentado pelo sistema patriarcal desde o descobrimento das Américas ainda no século XV, assim, com raízes fincadas no patriarcado escravocrata, a centúria oitocentista será a detonante de grandes revoluções sociais. Dessa maneira, encontraremos as mulheres oitocentistas — especialmente as brancas, uma vez que as negras, em sua grande maioria, ainda estavam escravizadas e lutavam pela liberdade e humanização de seus corpos —, lutando nos movimentos em prol do direito à educação. Ao mesmo tempo, eclodiam inúmeros movimentos sociais a favor da luta abolicionista.

Considerando a temática do nosso trabalho, vale a pena frisar que Brasil e Cuba foram os últimos países da América a decretarem a ilegalidade do sistema escravocrata, sendo Cuba o penúltimo país a fazê-lo, em 1886, e o Brasil o último, em 1888. Bárbara Andretta (2016), em sua dissertação sobre as visões da escravidão na América Latina com base nos romances *Sab* e *Úrsula*, comenta que

o século XIX foi marcado pela abolição da escravidão, que aconteceu, de forma sucessiva, em todas as colônias europeias da América. No caso do Brasil, a escravidão foi considerada legal até 1888, e no caso de Cuba, a abolição da escravidão aconteceu em 1886. Até o presente momento, a historiografia literária considera que *Úrsula* foi o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, enquanto *Sab* figura entre os primeiros romances abolicionistas cubanos. (ANDRETA, 2016, p. 14).

Perante a constituição dessa ordem social, elemento constituinte das obras aqui investigadas, é premente destacarmos, ainda que brevemente, como era a vida dos africanos e das africanas que, depois de sobreviver a toda uma série de tratamentos violentos e cruéis nos navios negreiros, conseguiam chegar vivos/as aos seus destinos: o Brasil e os países da América espanhola. De acordo com Gomes (2019), havia dois destinos para o africano escravizado no Novo Mundo, ser um escravo urbano ou ser destinado ao trabalho rural. O jornalista explica que

se fosse um escravo urbano, certamente seria instalado no andar térreo de uma casa de dois andares, muitas vezes dividindo espaços com animais domésticos, à disposição e sob o controle de seus novos senhores, que viviam no pavimento superior. Se estivesse destinado ao trabalho rural, em fazendas e engenhos de açúcar, seria levado para as senzalas, alojamentos coletivos de escravos, sob a vigilância de um feitor. (GOMES, 2019, p. 302).

Olga Cabrera (2008) discorre que o Brasil e o Caribe eram os lugares mais próximos da Europa na rota atlântica, esse fator possibilitou o estabelecimento de relações entre ambas as regiões durante os séculos em que o sistema escravocrata foi utilizado e como consequência dessa proximidade, as etnias africanas escravizadas no Brasil foram as mesmas levadas ao Caribe. Ainda de acordo com a autora, a presença de sociedades entre comerciantes de escravos também fez parte das transações entre Brasil e Caribe, muitas entre comerciantes brasileiros e cubanos.

Ao direcionar nosso olhar sobre a escravidão em Cuba, percebemos quão semelhantes foram as sociedades escravagistas brasileira e cubana. Juliana Muñoz (2016), em sua tese acerca da construção da identidade nacional com base em romances abolicionistas cubanos e brasileiros, explica que os primeiros africanos escravizados chegaram a Cuba no século XVI, ano da chegada dos colonizadores. Percebeu-se, ainda nessa centúria, que a economia da ilha seria ditada pelo cultivo da cana-de-açúcar, o que fez a mão de obra escrava crescer significativamente. Além de serem empregados como mão de obra nas lavouras de cana-de-açúcar, os escravizados também podiam ser utilizados para trabalhos de urbanização, de defesa civil, assim como domésticos. A pesquisadora ainda destaca que o trabalho rural era consideravelmente mais pesado que os demais tipos de serviços. Por esse motivo, as plantações foram denominadas como “prisões de negros” (MUÑOZ, 2016).

Ao falar do Brasil e demais países da América, Gomes (2019) ressalta que a fase inicial da vida do escravizado era a mais difícil:

Nas ilhas do Caribe, os ingleses diziam que esse era o momento de ‘temperar’ (searsoning, em inglês) o cativo, ou seja, mostrar a ele quem, de fato, mandava, quem era o dono e senhor do seu destino. Isso envolvia uma série de torturas, físicas e psicológicas, até que o escravo se ‘colocasse em seu lugar’ — ou seja, o mesmo ocupado por animais domésticos e de trabalho. (GOMES, 2019, p. 303).

Ao direcionar nosso olhar para o século XIX, vemos que desde o início desse já se formava a essência de movimentos abolicionistas em Cuba e no Brasil. No que diz respeito à ilha caribenha, Muñoz (2016, p. 18) relata que:

Acontecimentos históricos como a Revolução Haitiana [ocorrida em 1791, na qual negros escravizados e libertos da colônia francesa de Santo Domingos, atual Haiti, lutaram contra os franceses a favor da libertação dos escravos, o que culminou com a fim da escravidão e com a independência do país em 1794], a luta da Inglaterra contra a escravidão, os movimentos independentistas na América Latina,

desencadearam uma série de discursos que se desdobravam a favor e contra a manutenção do sistema escravista em Cuba.

No que concerne ao Brasil, o século XIX foi um período de efervescência entre os escravagistas e os abolicionistas que travaram intensos debates sobre a permanência ou não do sistema. Como evidencia Muñoz (2016, p. 122):

Grande influência exerceram movimentos internacionais contra a escravidão, aos quais o Brasil filiou-se. Os países europeus suprimiam o sistema escravista em seus domínios e a instituição da escravidão transformava-se, paulatinamente, em um símbolo do atraso. Diante dessa situação, os brasileiros teriam que refletir sobre qual seria o melhor para o futuro da nação: manter ou não o sistema escravista. Iniciou-se, assim, um longo debate entre escravocratas e abolicionistas que marcou o discurso intelectual do século XIX.

Nesse sentido, Gertrudis — durante o tempo em que viveu em Cuba, colônia espanhola escravagista até o final do século XIX, ou na Espanha, que decidiu reprimir o comércio de escravos em 1845, decretando a Lei da Repressão do Tráfico (MUÑOZ, 2016) — e Firmina — inserida dentro do seio de uma sociedade escravocrata — viveram em ambientes divididos entre lutas a favor e contra a escravidão. Por essa conjuntura social, no capítulo a seguir abordaremos, para uma melhor compreensão do arcabouço literário das obras selecionadas para o nosso estudo, as características que relacionam sócio-historicamente a escrita de Gertrudis e Firmina.

3 ENTRE AUTORAS: GERTRUDIS GÓMEZ DE AVELLANEDA E MARIA FIRMINA DOS REIS

Gertrudis Gómez de Avellaneda (1814-1873), filha de um militar da marinha espanhola que ao ser enviado a Cuba se casa com uma dama de família ilustre e rica desse país, perde o pai aos seus nove anos de idade, mas herda dele a paixão pela terra natal, assim, sua vida e obra dividem-se entre Cuba e Espanha. Aos 22 anos, ela deixa Cuba e ao chegar à Espanha inicia a sua carreira literária. Gertrudis, em seu tempo, foi considerada uma das melhores expoentes do movimento romântico, tendo ainda em vida o reconhecimento por sua produção literária, que foi bastante diversificada, tendo escrito poesia, obras teatrais e romances.

M.^a Ángeles Ayala Aracil, professora de Literatura Espanhola da Universidade de Alicante, na apresentação feita no Portal Gertrudis Gómez de Avellaneda, da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, comenta que a escritora oitocentista se distingue das demais escritoras de sua época, tornando-se precursora do movimento feminista na Espanha, por suas “circunstâncias biográficas pessoais, seu carácter apaixonado, sua generosidade e sua acentuada rebeldia diante das convenções sociais, que a fizeram viver de acordo com suas próprias convicções [...]” (AYALA ARACIL, 2008, tradução nossa, on-line) ⁵.

Gertrudis foi uma mulher que desafiou as convenções da sociedade de sua época, aos 14 anos recusou um casamento de conveniência, por esse motivo foi deserdada por seu avô. Aos 26 anos, já vivendo na Espanha, se libertou de sua família e foi viver na cidade de Sevilha, onde começou sua carreira literária utilizando o pseudônimo “La peregrina”. Em 1845, relacionou-se com o poeta espanhol Gabriel García Tassara, dessa aventura nasceu uma menina que viveu apenas sete meses. Avellaneda casou-se duas vezes, a primeira em 1846, com Pedro Sabater, membro da corte e chefe político de Madrid, e a segunda em 1855, com o Coronel Domingo Verdugo. Em 1859, ela regressa a Cuba com seu segundo marido que morre em 1863, ela então decide voltar à Espanha, onde falece em 1873, aos 59 anos. (PASTOR, 2002).

Cabe ressaltar que, apesar de ter sido uma autora relevante em sua época, Gertrudis foi vítima de discriminação no âmbito literário. Brígida Pastor (2002) relata que ela solicitou, no ano de 1853, ser membro da Real Academia Espanhola, a Academia de Letras da Espanha,

⁵ Do original em espanhol: “sus personales circunstancias biográficas, su apasionado carácter, su generosidad y su marcada rebeldía frente a los convencionalismos sociales, que la llevó a vivir de acuerdo con sus propias convicciones [...]”

mas ela teve seu acesso negado pela maioria dos membros que acreditavam que aquele espaço não era destinado às damas. Ainda neste capítulo, voltaremos a refletir sobre esse fato.

Em contrapartida ao êxito da autora cubana com sua literatura publicada na Espanha, no Brasil nos encontramos com Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Considerada uma das precursoras da Literatura Negra Brasileira e a primeira mulher a publicar um romance abolicionista no país, Firmina teve, por muito tempo, a sua obra relegada ao esquecimento, em vida e *post mortem*. Nascida no estado do Maranhão, registrada como filha de Leonor Felipe dos Reis, uma escrava forra, e de João Pedro Esteves, Firmina foi apontada como filha bastarda por parte de pai, já que em sua certidão de batismo não consta o nome desse. Após perder a mãe aos cinco anos, Firmina, sua irmã Amália Augusta dos Reis e uma prima passaram a viver com a avó. A autora também foi acolhida na casa de sua tia materna e ali teve acesso a pessoas, como o primo Francisco Sotero dos Reis, jornalista, escritor e gramático, que estimularam o seu crescimento intelectual. (ANDRETA, 2016; DUARTE, 2018a; ZIN, 2016).

A autora foi professora e demonstrava grande preocupação com a educação dos mais pobres, tanto meninas, como meninos, o que a levou a fundar em 1880, a primeira escola mista e gratuita do estado do Maranhão, que teve suas funções encerradas dois anos após sua abertura, já que sociedade maranhense não aceitava a reunião de crianças de diferentes sexos em um mesmo ambiente. (DUARTE, 2018a). Maria Firmina dos Reis, em vários momentos de sua trajetória, transgrediu as normas excludentes impostas pela sociedade. Moraes Filho (1975 apud Duarte, 2018a), biógrafo da autora, conta que em 1847, aos 25 anos, Firmina foi aprovada no concurso para o cargo de professora primária. Depois da aprovação, ela foi incitada pela família a dirigir-se ao local de nomeação desse cargo de palanquim⁶. A autora “[...] recusou-se irrevogável, verberando: ‘NEGRO NÃO É ANIMAL PARA SE ANDAR MONTADO NELE!’ E foi a pé” (MORAIS FILHO, 1975, apud DUARTE, 2018a, p. 12, grifo do autor).

Em 1881, Firmina, após exercer trinta e quatro anos de magistério, aposenta-se das suas funções no ensino público, dedica-se então a ensinar as crianças pobres das fazendas próximas. Muitas dessas crianças foram amparadas no lar de Firmina, que praticamente as adota como filhos de criação (DUARTE, 2018a). Em 1917, a autora, pobre e cega, falece na

⁶ Uma espécie de liteira, uma cabine portátil sustentada por duas varas em suas laterais e conduzida por dois ou quatro escravos, que a guiavam segurando as extremidades das varas em suas mãos ou apoiando-as sobre seus ombros.

casa de uma amiga, que vivera parte de sua vida sendo escravizada, e na companhia de um dos seus filhos adotivos, Leude Guimarães (ZIN, 2016).

Para o pesquisador Danglei de Castro Pereira (2018), na produção literária da escritora é perceptível

[...] a constante preocupação de Firmina com a temática da situação do negro cativo, bem como o diálogo com poemas como *Navio negreiro*, de Castro Alves. Há neles também uma inquietação quanto à posição da mulher na sociedade, percurso temático que garante à autora lugar entre as primeiras vozes femininas a erguer discurso em defesa do feminino. (PEREIRA, 2018, p. 8).

Assim como Gertrudis, Firmina escreveu em diversos gêneros, poesia, conto, romance e teatro, porém, as condições sociais e raciais nas quais estavam circunscritos o seu fazer literário fez com que sua obra sofresse um processo de invisibilidade o que, consequentemente, ocasionou o apagamento da produção da autora, sendo sua obra redescoberta em 1962 pelo pesquisador e bibliófilo Horácio de Almeida, que encontra o romance *Úrsula* em um lote de livros comprados por ele. Após uma longa pesquisa, Horácio consegue definir a autoria da obra e em 1975 sai uma edição fac-similar de *Úrsula* com um prefácio do pesquisador. Ainda em 1975, Morais Filho, crítico maranhense, resgatou a memória de Firmina com a publicação do livro biográfico *Maria Firmina, fragmentos de uma vida* (DUARTE, 2018a).

Da primeira edição de *Úrsula* (1859), século XIX, até a segunda (1975), no século XX, foram 116 anos em que Maria Firmina dos Reis e sua obra estiveram silenciadas, relegadas ao ostracismo. Rafael Zin (2016) expõe que dentro do círculo cultural maranhense oitocentista, as publicações das obras de Firmina chamaram a atenção de leitores e tiveram repercussão nos meios intelectuais. O pesquisador ainda acrescenta:

[...] o que nos leva a crer que a autora já era reconhecida, admirada e apreciada por seus escritos e pela ousadia de pensar e realizar coisas, considerando o contexto, não muito comuns a uma mulher afrodescendente e que vivia distante dos perímetros da Corte [...] (ZIN, 2016, p. 25).

Zin explica que uma das possíveis causas para o silenciamento em torno da obra de Firmina pode ser atribuída ao poder das elites intelectuais do nosso país. Dessa maneira, ele ressalta que:

[...] mesmo tendo ocupado um lugar proeminente no cenário cultural maranhense oitocentista, tomando com as mãos a inspiração de, através do magistério e da

literatura, contribuir para a construção de um país mais justo e sem opressão, a escritora ficou por décadas esquecida, provavelmente, por conta de um possível silenciamento ideológico [que cerceava a produção artística de grupos marginalizados, por questões de raça, gênero e classe] vindo das elites condutoras da vida intelectual brasileira. (ZIN, 2016, p. 27).

Nessa conjuntura, é interessante observarmos a luta feminina pelo direito de assumir seu espaço como mulher intelectual, uma luta de gênero e uma luta racial. Retomemos a situação anteriormente apresentada de que Gertrudis não fora aceita como membro da Real Academia Espanhola. Se uma mulher branca já encontrava entraves em seu percurso de reconhecimento da sua intelectualidade, esses mesmos entraves se multiplicam sendo ela uma mulher negra, como fica evidente ao relembrarmos a trajetória de Firmina. Para uma mulher negra ser reconhecida como escritora e intelectual, não basta ter “um teto todo seu”⁷.

Constitui-se aqui dois cenários distintos, o que consequentemente compõem níveis diferentes de opressão. Assim, temos um cenário que atinge Gertrudis por sua condição como mulher branca que nasceu no seio de uma família aristocrática, outro que atinge Firmina e que leva em consideração as seguintes condições: a de ser professora, oriunda de uma família pobre, e a de ser uma mulher negra. Nesse contexto, verifica-se que “o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes” (HOOKS, 1995, p. 466).

Vale a pena ressaltar que intelectual, na definição de bell hooks⁸ (1995, p. 468), “[...] é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo. E complementa hooks, “intelectual é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla” (HOOKS, 1995, p. 468). Observamos essas características no fazer literário das autoras por nós investigadas, porém, como já ressaltamos acima, se Gertrudis encontrou entraves na sua trajetória como intelectual, sendo uma mulher branca, nascida no seio de uma família aristocrática, ela também pôde viver momentos de glória e ter sua produção literária reconhecida ainda em vida, diferentemente de Firmina, negra, pobre e nordestina, que morreu esquecida, e cuja circulação de sua obra ficou restrita ao seu entorno social e cultural.

⁷ Alusão ao livro *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, escritora inglesa.

⁸ bell hooks, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, professora e escritora norte-americana, posiciona-se politicamente perfazendo uma diferença entre sua identidade e sua produção como intelectual. Por tal motivo, ela prefere utilizar a grafia do seu pseudônimo em letras minúsculas, para assim dar enfoque a sua voz autoral em vez da sua pessoa, já que para autora as ideias apresentam um valor maior, é o conteúdo que deve estar em evidência.

Nesse universo, percebemos como a soberania do patriarcado atuou negando a Gertrudis, uma autora já reconhecida pelo público e por diversos autores de sua época, uma posição como intelectual na conceituada Real Academia Espanhola. Sendo que, como revela Lucía Guerra (1985), Gertrudis foi definida em sua época como “muito homem”. Para Guerra, essa “masculinização” do talento criativo da escritora permitiu que ela fosse aceita e premiada por sua escrita, porém, não se mostrou suficiente para a Academia admiti-la como membro. Ainda de acordo com Guerra (1985), Gertrudis atribui, de maneira irônica, a negativa ao posto de membro da Academia a sua falta de barba. Ao negar a entrada da autora nesse ambiente, os acadêmicos, amparados no poder a eles atribuídos pelo patriarcado, demonstraram como a questão do gênero era algo sobressalente a partir do momento que a autora deseja compartilhar do mesmo espaço de reconhecimento. Afinal, mesmo sendo reconhecida como “muito homem”, Gertrudis não era homem para entrar na academia. Lembrando Beauvoir, Gertrudis era considerada apenas “o segundo sexo”.

No caso de Firmina, a opressão imposta pelo patriarcado fez grandes estragos, como já comentado anteriormente, o ostracismo dado à sua produção literária sequer a permitiu alcançar um público leitor a nível nacional, o que contribuiu para o apagamento de sua obra. Com isso, é importante enfatizar que a elite intelectual brasileira rechaçou a produção de Firmina não apenas por ela ser uma mulher, mas por ser uma mulher negra, já que autoras brancas como Nísia Floresta (1810-1885), mencionada no capítulo anterior, e Júlia Lopes de Almeida⁹ (1862-1934) puderam fazer literatura e obter, em sua época, um significativo reconhecimento. Para Eduardo de Assis Duarte (2018b), além dos fatores já mencionados, contribuiu para o silêncio envolvendo o nome de Firmina, o fato de em *Úrsula* a autora ter omitido seu nome tanto da capa do livro como da folha de rosto. De acordo com o pesquisador,

[...] a ausência do nome, aliada à indicação da autoria feminina e, ainda, a procedência da distante província nordestina, juntaram-se ao tratamento dado ao tema da escravidão. O resultado é que uma espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século. (DUARTE, 2018b, p. 233).

Outro fator que deve ter influenciado o apagamento da obra de Firmina, foi a falta de reação à sua obra em nível nacional, já que seus textos circularam apenas no estado do

⁹ Um interessante dado sobre a escritora é que ela participou, em 1897, do grupo de intelectuais fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL), porém os acadêmicos decidiram ceder sua cadeira a seu esposo, o também escritor Francisco Filinto de Almeida, pois, seguindo a linha da Academia Francesa, seu espelho, a vocação literária era um direito masculino. (LE MOS, 2019).

Maranhão. Nesse sentido, trazemos uma reflexão da teórica estadunidense Barbara Christian (2002) que, ao observar a história da literatura, constatou que um texto precisa de reação para que ele não desapareça. Essa reação foi negada à literatura produzida por Firmina, mulher negra e pobre; concedida, porém, a Gertrudis, mulher branca de origem abastada.

Diante desse cenário, em que escritoras são silenciadas por seu gênero, classe e/ou raça, é importante olharmos para a questão do valor que é atribuído à obra literária. Esse valor é concedido de acordo com a definição de literatura dada por um grupo de críticos, que no passado era constituído por homens brancos, e que ainda hoje em dia é composto, em sua maioria, por integrantes do mesmo perfil. Sobre essa questão, Márcia Abreu (2006), professora e pesquisadora, discorre que “por trás da definição de literatura está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar *alguns* textos, escritos por *alguns* autores do conjunto de textos em circulação” (ABREU, 2009, p. 39, grifos da autora). Nesse contexto, ela observa que a questão do valor

[...] tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais. Por exemplo, já houve um tempo em que não se viam com bons olhos as produções femininas, pois as mulheres eram tidas como intelectualmente inferiores. Assim como os negros. (ABREU, 2006, p. 39).

Dentro dessa conjuntura, na qual entra em cena a exclusão de mulheres e negros, hooks (1995) reflete sobre a atuação do patriarcado como elemento sexista e racista que negou e segue negando às mulheres o direito de usufruir de uma vida intelectual. A autora ainda observa como essa negativa se constitui mais perniciosa quando falamos sobre mulheres negras. Considerando o contexto exposto, evidencia-se que

[...] dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. (HOOKS, 1995, p. 468).

Desse modo, vemos como Gertrudis — tendo contra si a força de um contexto social sexista —, e Firmina — vivendo dentro em um entorno sexista e racista —, atuaram em sua época por intermédio de uma resistência ativa, como apontou hooks (1995), utilizando a arte literária como elemento de crítica à sociedade em que viviam. Ambas as autoras aqui analisadas compartilham, ademais da escrita dentro do movimento romântico, o gosto pela

denúncia social, olhando para os/as escravizados/as e para a mulher branca, dando espaço a esses personagens que são frutos do contexto sócio-histórico no qual suas criadoras estavam inseridas. Devido à tentativa do patriarcado de silenciar as vozes femininas, percebemos que tanto a cubana como a brasileira compartilham de várias vivências em suas carreiras literárias: a utilização de pseudônimos para publicar muitas de suas obras, Firmina adotou o pseudônimo “Uma maranhense” e Gertrudis, “La pelegrina”, como já citado no início deste capítulo; a depreciação de suas escritas, uma estratégia política das autoras, visando à aceitação de seus romances ante o grande público, como ocorreu na publicação de suas principais obras, *Sab* e *Úrsula*.

Com respeito à “depreciação” da escrita pelas autoras, em *Sab*, Gertrudis diz em suas “Dos palabras al lector”:

Para distrair-se de momentos de ócio e melancolia foram escritas estas páginas. A autora não tinha então a intenção de submetê-las ao terrível tribunal do público. Três anos dormiu este romancezinho quase esquecido no fundo de seu cesto de papéis; lido por algumas pessoas inteligentes que o julgaram com benevolência e encontrando-se muitos amigos da autora interessados em ter um exemplar dele, determina-se a imprimi-lo, acreditando-se dispensada de fazer uma manifestação do pensamento, plano e desempenho da obra, ao declarar que a publica sem nenhum tipo de pretensão. (GÓMEZ DE AVELLANEDA, 2000, p. 5-6, primeira parte, tradução nossa)¹⁰.

Já Firmina, sob o pseudônimo de “Uma maranhense”, cita no prólogo de *Úrsula*:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2018, p. 25).

Percebemos que em ambas as obras, Gertrudis e Firmina tentam demonstrar, recorrendo a uma construção textual irônica, uma despretensão ante o valor literário conferido aos seus escritos. Nessas circunstâncias, podemos inferir que dita despretensão pode ter sido uma estratégia de sobrevivência, já que tanto *Sab* como *Úrsula* abordam temas que a pena

¹⁰ Do original em espanhol: “Por distraerse de momentos de ocio y melancolía han sido escritas estas páginas. La autora no tenía entonces la intención de someterlas al terrible tribunal del público. Tres años ha dormido esta novelita casi olvidada en el fondo de su papelería; leída por algunas personas inteligentes que la han juzgado con benevolencia y habiéndose interesado muchos amigos de la autora en poseer un ejemplar de ella, se determina a imprimirla, creyéndose dispensada de hacer una manifestación del pensamiento, plan y desempeño de la obra, al declarar que la publica sin ningún género de pretensiones.”

feminina não tinha o direito de imiscuir-se no século XIX. Com isso, suas palavras desprezíveis visavam atrair a curiosidade do público leitor e protegê-las de possíveis críticas. Sobre essa questão, Pastor (2002) explica que o texto de “Dos palabras al lector” é um indicador do desejo de Gertrudis de diminuir uma possível imagem subversiva que a obra poderia transmitir ao seu público, evitando, dessa maneira, a sua censura, situação que a autora já antecipava antes de publicá-la.

A respeito do prólogo de *Úrsula*, Zélia Bora (2006) salienta que as justificativas nele apresentadas configuram-se como uma estratégia discursiva utilizada por Firmina para atrair a comoção crítica em vez de demonstrar a despreensão de sua obra. A pesquisadora, porém, ressalta que naquela época era necessário algo de cautela tanto para Firmina, como para qualquer autor/a de origem afro-brasileira que desejasse expressar sua opinião acerca dos problemas da sociedade brasileira oitocentista, principalmente se o tema tratado versasse sobre a escravidão, pois o autor poderia ser excluído do convívio intelectual.

Como vimos ao longo deste capítulo, Gertrudis e Firmina apresentam algumas semelhanças em suas trajetórias de vida e literária, contudo, o fato que mais se destaca é que tanto a primeira quanto a segunda, dentro de seus respectivos contextos sócio-culturais, lutaram contra as tentativas de silenciamento impostas às mulheres pelo patriarcado no século XIX e o fizeram no âmbito pessoal e literário, ressaltando que Gertrudis teve reconhecimento ainda em vida, enquanto Firmina lutou desde uma dupla (quicá tripla) perspectiva, a de mulher e a de mulher pobre e negra, sendo relegada ao esquecimento mesmo enquanto vivia.

Diante desse cenário, é importante salientarmos a importância de atentarmos para o contexto sócio-histórico das obras produzidas pelas autoras aqui investigadas, uma vez que o construto social e cultural permeia a produção artística, ainda que essa produção, como comenta Adriana Facina (2004), possa apresentar dois aspectos: um mais preocupado com as questões formais da escrita, em detrimento de ideias que possam mudar a sociedade; e outro, no qual o autor enxerga sua obra como um instrumento para mudar o mundo. Para a antropóloga, apesar das diferenças, ambos os aspectos são meios de transmissão de ideias, valores e opiniões, que se constituem mediante uma escrita na qual a forma e o conteúdo são elementos indissociáveis. (FACINA, 2004).

Considerando que Gertrudis viveu toda sua infância e início de sua vida adulta em Cuba, vivenciando a organização do sistema escravocrata ali presente e que Firmina, sendo filha de uma escrava forra, conseqüentemente, vivendo também dentro de um contexto de uma sociedade escravagista, compreendemos que *Sab* e *Úrsula* são frutos da constituição

social a que ambas as escritoras oitocentistas estavam inseridas. Desse modo, neste trabalho depreendemos da seguinte concepção para a futura análise de nossos objetos de estudo:

[...] os escritores são produtos de sua época e de sua sociedade. Desse modo, mesmo o artista mais consagrado, considerado alguém dotado de talento especial que o destaca dos outros seres humanos, é sempre um indivíduo de carne e osso, sujeito aos condicionamentos que seu pertencimento de classe, sua origem étnica, seu gênero e o processo histórico do qual é parte lhe impõe. Sua capacidade criativa se desenvolve num campo de possibilidades que limita a sua liberdade de escolha. (FACINA, 2004, p. 9-10).

Com base nas considerações feitas até o presente momento, apresentamos a seguir a análise dos romances *Sab* e *Úrsula*. Buscaremos observar como suas autoras, Gertrudis Gómez de Avellaneda e Maria Firmina dos Reis, dentro de seus respectivos pertencimentos sociais, culturais e raciais, constroem personagens com o intuito de humanizar a figura do homem marginalizado e da mulher marginalizada, em consequência de sua condição de escravizado/a, dando-lhes espaço de fala e iluminando a realidade de opressão, violência e abandono a qual esse grupo estava inserido na sociedade oitocentista cubana e brasileira.

4 DE SAB A ÚRSULA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDEOLOGIA HUMANIZADORA NA FICÇÃO DE AUTORAS OITOCENTISTAS

Tanto no romance *Sab* (1841) quanto em *Úrsula* (1859) destacam-se personagens que trazem à luz as dores e os sofrimentos da população negra escravizada na América Latina. A obra de Gertrudis Gómez de Avellaneda nos apresenta a história de um mulato escravizado, o jovem Sab, apelido de Bernabé, filho de uma negra escravizada, fruto de uma relação dessa com o filho do seu “senhor”, fato que fica implícito no enredo, já que o personagem diz que seu protetor, Dom Luis, em seu leito de morte, o deixou aos cuidados do irmão Carlos, dono do engenho “Bellavista”. Sab cresce tendo acesso à mesma educação que os filhos de Dom Carlos, recebendo durante toda sua vida um tratamento diferenciado dos demais escravizados da fazenda/engenho. Ao crescer com Carlota, filha de Dom Carlos, ele se apaixona pela jovem e passa a lamentar sua condição de homem escravizado que o impede de ser considerado digno de sua amada. Quando Carlota se apaixona por um homem de caráter fraco, que a busca por seu dote e não pelas suas qualidades como mulher, Sab padece intensamente. A partir dessa platônica relação amorosa se desenvolve o argumento do enredo.

No romance de Maria Firmina dos Reis, deparamo-nos com um enredo que também se desenvolve a partir da paixão, nesse caso, correspondida, entre Úrsula e Tancredo, dois jovens brancos que lutam contra a obsessão do tio de Úrsula, que a quer como esposa. Em torno da relação desses dois personagens, entram em cena outros dois, Túlio e Susana, negros escravizados que vivem sobre a proteção da mãe de Úrsula. Apesar desses personagens não serem os protagonistas do romance, é dado a eles voz própria durante o desenvolvimento do enredo, são eles que nos contam suas histórias no cativeiro.

Com base no panorama dos enredos citados acima, podemos observar a importância dos personagens escravizados dentro dessas obras e como, conseqüentemente, se constitui a intenção propagandística de ambas as autoras a partir de elementos sociais predominantes em suas respectivas sociedades. Nesse contexto, a seguir destacamos os principais pontos de intersecção entre a construção do enredo de *Sab* e *Úrsula*, no que diz respeito à representação humanizada desses personagens marginalizados, os/as escravizados/as e, ainda que em uma dimensão menor, a mulher branca.

O primeiro ponto que devemos destacar é que ambos os romances iniciam seu primeiro capítulo com o encontro de dois personagens masculinos, um branco e um negro. Na obra da autora cubana, temos o encontro de Sab, mulato e capataz do engenho “Bellavista”,

com o jovem de origem inglesa Enrique Otway, noivo de Carlota, por quem o escravizado nutre uma paixão platônica. Nesse encontro, a voz narrativa apresenta ao leitor o jovem branco que se dirige ao engenho da família de sua noiva, no caminho ele encontra Sab, que o ajuda a chegar à sede da fazenda. Vemos que apesar de o personagem branco ter-nos sido apresentado em um primeiro momento, isso se inverte no decorrer dos capítulos, sendo Sab o protagonista. Também observamos que mediante esse encontro há uma contraposição do caráter dos personagens: Enrique é o típico rapaz oportunista, um caça dote, que deseja unir-se a Carlota para salvar seu patrimônio e o de seu pai; Sab, por sua parte, apresenta diversas características que destacam a sua humanidade. Em alguns momentos, ele apresenta um rancor ante a indignidade de sua condição, sente ciúmes de Enrique, mas é, sobretudo, altruísta e bondoso com todos à sua volta.

A obra de Firmina apresenta no primeiro capítulo o encontro de Tancredo e de Túlio. Novamente se repete a estrutura do encontro, é o personagem branco quem nos é primeiro apresentado e, em seguida, Túlio entra em cena para ajudar o jovem. De acordo com Duarte (2018b, p. 215), em *Úrsula*, “o primeiro capítulo objetiva apresentar os dois personagens masculinos que irão encarnar a positividade moral do texto: um branco e um negro. Assim eles entram em cena, primeiro Tancredo; depois, Túlio”. É o jovem escravizado quem encontra o rapaz branco após este sofrer um grave acidente com seu cavalo, Duarte (2018b) aponta que ao utilizar o artifício do acidente, a autora faz com que Túlio cresça enquanto personagem, tomando a frente de Tancredo.

A diferença entre esses encontros está na constituição do caráter dos personagens, enquanto em *Sab* temos um contraponto, em *Úrsula* temos uma equiparação moral, tanto Tancredo, branco, como Túlio, negro escravizado, são homens virtuosos. Nesse contexto, a diferenciação bem como a equiparação moral desses personagens refletem as intenções narrativas das autoras. Em *Sab*, o escravizado é exemplo de boa moral, enquanto o homem branco apresenta uma moral duvidosa, sinalizando que o escravizado pode ser um homem nobre, de caráter elevado, e que o homem branco pode não ter um bom caráter, invertendo a concepção da época, já apresentada anteriormente, de que os negros africanos eram pessoas inferiores e bárbaras. Ao passo que em *Úrsula* temos a equiparação moral que sinaliza que ambos os homens são dignos de admiração por suas virtudes, igualando assim o homem negro escravizado ao homem branco.

O segundo ponto que devemos destacar é a presença religiosa, elemento constante nas duas obras, porém, diferentemente do que a sociedade patriarcal pregava, discurso abordado

em nossa segunda seção, a religiosidade cristã nos dois romances em estudo apresenta-se como discurso que refuta a escravidão. Assim, em *Sab é* o próprio protagonista quem reflete sobre esta temática em sua carta para Teresa, prima de Carlota, confidente e conselheira do personagem. Sab escreve a Teresa em seus últimos momentos de vida para despedir-se e agradecê-la pela amizade, ele aproveita para elogiá-la por sua força, então questiona se ela a encontra na virtude, pois seu coração de homem não a encontra. Em seguida, o personagem procede a narrar as suas reflexões diante das ações necessárias para alcançar a virtude e nos apresenta a resposta que obteve de um sacerdote, trazendo-nos a perspectiva cristã em voga naquela sociedade, perspectiva complacente com o processo escravocrata que o personagem critica enfaticamente:

Tenho pensado muito sobre isto: invoquei nas minhas noites de vigília esse grande nome — virtude! —. Mas o que é a virtude? Em que consiste?... Eu desejei compreendê-lo, mas em vão perguntei a verdade aos homens. Lembro-me que quando meu senhor me enviava a confessar minhas culpas aos pés de um sacerdote, eu perguntava ao ministro de Deus o que deveria fazer para alcançar a virtude. A virtude do escravo, me respondia, é obedecer e calar, servir com humildade e resignação a seus legítimos donos, e não julgá-los nunca.

Esta explicação não me satisfazia. E daí! Pensava eu: a virtude pode ser relativa? A virtude não é a mesma para todos os homens? *O grande chefe desta grande família humana, terá estabelecido diferentes leis para os que nascem com a pele negra e a pele branca? Todos não possuem as mesmas necessidades, as mesmas paixões, os mesmos defeitos? Por que pois terão alguns o direito de escravizar e outros a obrigação de obedecer?* (GÓMEZ DE AVELLANEDA, 2000, p. 131-132, segunda parte, tradução nossa, grifo nosso).¹¹

Sab não concorda com as palavras do homem que a sociedade julga ser um servo de Deus, ele as questiona, contrapondo-as com argumentos que desarmam a retórica religiosa até então utilizada em prol da manutenção do sistema escravagista. O personagem segue refletindo sobre o argumento exposto pelo religioso, contestando-os com os ensinamentos cristãos:

[...] Deus, cuja mão suprema repartiu seus benefícios com equidade sobre todos os países do globo, que faz sair o sol para toda sua grande família dispersa sobre a terra, que escreveu o grande dogma da igualdade sobre a sepultura; Deus poderá

¹¹ Do original em espanhol: “Yo he pensado mucho en esto: he invocado en mis noches de vigilia ese gran nombre -¡la virtud!-. Pero ¿qué es la virtud? ¿en qué consiste?... yo he deseado comprenderlo, pero en vano he preguntado la verdad a los hombres. Me acuerdo que cuando mi amo me enviaba a confesar mis culpas a los pies de un sacerdote, yo preguntaba al ministro de Dios qué haría para alcanzar la virtud. La virtud del esclavo, me respondía, es obedecer y callar, servir con humildad y resignación a sus legítimos dueños, y no juzgarlos nunca. Esta explicación no me satisfacía. ¡Y qué!, pensaba yo: ¿la virtud puede ser relativa? ¿la virtud no es una misma para todos los hombres? ¿El gran jefe de esta gran familia humana, habrá establecido diferentes leyes para los que nacen con la tez negra y la tez blanca? ¿No tienen todos las mismas necesidades, las mismas pasiones, los mismos defectos? ¿Por qué pues tendrán unos el derecho de esclavizar y los otros la obligación de obedecer?”

sancionar os códigos iníquos nos quais o homem fundamenta seus direitos para comprar e vender ao homem, e seus intérpretes na terra dirão ao escravo, “teu dever é sofrer: a virtude do escravo é esquecer de que é homem, renegar dos benefícios que Deus lhe estendeu, abdicar da dignidade com que lhe revestiu, e beijar a mão que imprime o selo da infâmia?” Não, os homens mentem: a virtude não existe entre eles. (GÓMEZ DE AVELLANEDA, 2000, p. 132, segunda parte, tradução nossa).¹²

A fala de Sab desarma os argumentos do patriarcado escravocrata que disseminando a doutrina cristã não a praticava, portanto, tais homens mentiam, não havendo virtude em suas ações para com o próximo.

Em *Úrsula*, o narrador onisciente é quem observa o sofrimento do escravizado Túlio ante a injustiça da sua condição e contra ela se rebela clamando a Deus para que os homens respeitem os mandamentos divinos. Observemos a cena:

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima — ama a teu próximo como a ti mesmo —, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... Àquele que também era livre no seu país... Àquele que é seu irmão? (REIS, 2018, p. 32).

Duarte (2018b, p. 213) ressalta que “Firmina vale-se da axiologia cristã para estigmatizar o regime escravista e seus métodos. A fala do narrador e de quase todos os personagens é perpassada pela crença do catolicismo e seus valores.”, o mesmo ponto de vista pode ser aplicado na leitura interpretativa de *Sab*.

Sobre *Úrsula*, complementa Duarte (2018b, p. 213-214) explicando que “ao representar brancos e negros como ‘irmãos’, o romance se apropria do discurso cristão para fazê-lo voltar-se contra seus pretensos adeptos instalados na casa-grande colonial [...]”. O que também vemos em *Sab*, quando, na citação explicitada anteriormente, o personagem questiona se as leis divinas foram feitas de maneiras diferentes, sendo aplicadas a depender da cor da pele dos homens.

Dessa maneira, observamos como as autoras constroem um discurso que realiza uma crítica ao posicionamento dos homens cristãos e que, em certa medida, atinge a sua base que é a Igreja Católica, que, como abordamos na segunda seção, teve uma grande parcela de culpa

¹² Do original em espanhol: “Dios, cuya mano suprema ha repartido sus beneficios con equidad sobre todos los países del globo, que hace salir al sol para toda su gran familia dispersa sobre la tierra, que ha escrito el gran dogma de la igualdad sobre la tumba; ¿Dios podrá sancionar los códigos inicuos en los que el hombre funda sus derechos para comprar y vender al hombre, y sus intérpretes en la tierra dirán al esclavo, “tu deber es sufrir: la virtud del esclavo es olvidarse de que es hombre, renegar de los beneficios que Dios le dispersó, abdicar la dignidad con que le he revestido, y besar la mano que imprime el sello de la infamia?” No, los hombres mienten: la virtud no existe entre ellos.”

na perpetuação do sistema escravocrata por práticas e discursos de muitos de seus religiosos que foram coniventes com a escravidão dos africanos.

Como terceiro ponto de intersecção dos dois romances temos a nobreza de alma, outro elemento que constitui a percepção humanizada dos personagens negros em *Sab* e em *Úrsula*. Diferindo da percepção que a sociedade branca e escravocrata tinha acerca da alma dos cativos, no romance de Gertrudis, Sab, em conversa com o pretendente de Carlota, o inglês Enrique Otway, diz que:

Pertenço — prosseguiu com um sorriso amargo —, àquela raça desventurada sem direitos de homens... sou mulato e escravo. [...] — É — disse voltando a fixar os olhos no estrangeiro —, que às vezes *é livre e nobre de alma, ainda que o corpo seja escravo e indigno*. (GÓMEZ DE AVELLANEDA, 2000, p. 18-19, primeira parte, tradução nossa, grifo nosso)¹³.

No fragmento acima, vemos como o personagem é consciente de suas qualidades morais, seu corpo pode ser escravizado, porém sua alma continua sendo livre.

Em *Úrsula*, a voz narrativa é quem reflete sobre os sentimentos do escravizado Túlio diante de sua condição, mostrando ao leitor como essa mesma condição não afeta suas características humanas, muito pelo contrário, é a sua humanidade que o torna consciente da mazela que o afeta por ser um cativo. Além disso, o narrador ressalta que nem o sofrimento atroz da escravidão fora capaz de mitigar os bons sentimentos do personagem, que ao ver Tancredo ferido se compadece. Observemos como o narrador nos apresenta os sentimentos de Túlio:

E o mísero [Túlio] sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista. (REIS, 2018, p. 32).

Em outro momento, a voz do próprio Túlio é que nos apresenta a mesma noção de alma que vemos no personagem Sab, de Avellaneda. Dessa forma, uma vez mais, encontramos um personagem que é consciente da liberdade de sua alma, ainda que ela esteja dentro de um corpo aprisionado pela nefasta cadeia da escravidão. Túlio não fala apenas por ele, há uma irmandade coletiva em sua reflexão, logo, ele expressa-se em nome de todas as vozes oprimidas e silenciadas pela escravidão:

¹³ Do original em espanhol: “Pertenezco — prosiguió con sonrisa amarga —, a aquella raza desventurada sin derechos de hombres... soy mulato y esclavo. [...] — Es — dijo volviendo a fijar los ojos en el extranjero —, que a veces es libre y noble de alma, aunque el cuerpo sea esclavo y villano.”

[...] porque a alma está encerrada nas prisões do corpo! Ela chama-o [o escravo] para a realidade, chorando, e o seu choro, só Deus compreende! *Ela não se pode dobrar, nem lhe pesam as cadeias da escravidão; porque é sempre livre*, mas o corpo geme, e ela sofre, e chora; porque está ligada a ele na vida por laços estreitos e misteriosos. (REIS, 2018, p. 44, grifo nosso).

Sobre a composição do caráter do personagem escravizado em *Úrsula*, Duarte (2018b) observa que:

Ressalta-se de início que não se trata de condenar a escravidão unicamente porque um escravo específico possui caráter elevado, como se pode ler em narrativas abolicionistas da época, brasileiras e estrangeiras. *Trata-se de condenar a escravidão enquanto sistema que afronta a religião e a moral*. (DUARTE, 2018b, p. 214, grifo nosso).

Não é apenas em *Úrsula* em que se depreende a visão de condenar a escravidão desde um aspecto religioso e moral, em *Sab*, como já vimos nas citações elencadas, observamos a mesma tentativa. Assim sendo, Gertrudis e Firmina instauram a base de uma literatura contra-hegemônica que se desenvolverá ao longo do enredo dessas obras.

O quarto ponto de intersecção entre as obras é a nostalgia com que os personagens falam de suas origens africanas. Nesse caso, a África será a idealização de um lugar de igualdade e de liberdade entre os homens, o que não se constitui como uma verdade histórica, já que, como comenta Gomes (2019), o cativeiro era uma realidade das sociedades africanas ainda antes da chegada dos europeus e transformou-se em uma moeda de câmbio quando os últimos chegaram a seu território. Não obstante, vale a pena ressaltar que a escravização dentro das sociedades africanas não questionava a humanidade dessas pessoas. Assim, independentemente da existência de um sistema de escravização nos países africanos, não é possível equipará-lo com o número de pessoas escravizadas e transportadas além-mares pelos europeus. Além disso, como já apresentado em nossa segunda seção, apesar de algumas comunidades e tribos africanas utilizarem um sistema de escravização, a cor da pele não era um elemento discriminatório, mas passa a ser quando os europeus implementam o sistema escravocrata no Novo Mundo.

É nesse contexto que observamos nos romances de Gertrudis e de Firmina o discurso dos personagens escravizados a respeito da África, seu continente mãe. No romance da autora cubana, o personagem Sab, nascido já no seio de um país escravocrata, é quem narra a história de sua mãe que nascera livre no Congo:

— Meu nome de batismo é Bernabé, minha mãe me chamou sempre Sab, e assim me chamaram meus senhores.

— Tua mãe era negra ou mulata como tu?

— Minha mãe veio ao mundo em um país onde sua cor não era um signo de escravidão: minha mãe — repetiu com certo orgulho —, nasceu livre e princesa. Bem sabem todos aqueles que foram como ela conduzidos aqui desde as costas do Congo pelos *traficantes de carne humana*. Mas princesa em seu país foi vendida neste como escrava. (GÓMEZ DE AVELLANEDA, 2000, p. 20, primeira parte, tradução nossa, grifo nosso)¹⁴.

No romance da autora brasileira, Susana, uma negra já idosa, é quem revela a dor de ter sido raptada de sua pátria para ser escravizada em terras longínquas. Abaixo vemos a narração do momento em que a personagem conta como foi capturada em sua terra natal:

Ainda não tinha vencido cem braços do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira — era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: *os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão*. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava — pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar!... (REIS, 2018, p. 102-103, grifo nosso).

Duarte (2018b) comenta que a fala da personagem Susana, transcrita acima, traz a indignação natural de quem se encontra aprisionado de maneira injusta “[...] como também inverte o atributo de inferioridade inerente à doxa presente na razão negra europeia: bárbaro é quem sequestra... bárbaro é quem escraviza.” (DUARTE, 2018b, p. 220). O mesmo pode ser observado na fala de Sab, quando o personagem de Avellaneda refere-se aos participantes do sistema escravocrata como “traficantes de carne humana”. Assim, ocorre uma desconstrução do discurso europeu que, como já sinalizamos, enxergava nos hábitos culturais da população negra africana sinais de barbárie. Aqui é importante observarmos que a noção de civilização *versus* barbárie, tão presente em todas as sociedades, é sempre condicionada a partir do ponto de vista com o qual se observa um determinado contexto.

Dentro desse cenário, cabe muitas vezes à literatura oferecer um novo olhar para aspectos culturais já automatizados por uma sociedade dominante que delimita a um grupo

¹⁴ Do original em espanhol: “— Mi nombre de bautismo es Bernabé, mi madre me llamó siempre Sab, y así me han llamado luego mis amos.

— Tu madre era negra, o mulata como tú?

— Mi madre vino al mundo en país donde su color no era un signo de esclavitud: mi madre — repitió con cierto orgullo —, nació libre y princesa. Bien lo saben todos aquellos que fueron como ella conducidos aquí de las costas del Congo por los traficantes de carne humana. Pero princesa en su país fue vendida en éste como esclava.”

social como civilizado e a outro como bárbaro, fazendo com que o leitor reflita sobre quem de verdade são os bárbaros. No âmbito das obras aqui analisadas, vemos que Gertrudis e Firmina nos conduzem a refletir sobre esse olhar vicioso, produto de uma sociedade patriarcal sexista e escravocrata. Desse modo, o leitor poderá questionar-se se os escravizados — humilhados, maltratados e torturados —, são, em verdade, os bárbaros ou esses seriam os homens brancos civilizados? — Os que capturavam, transportavam e escravizavam a população negra africana.

O quinto ponto em comum nos romances é a descrição da vida em cativeiro. Na obra de Gertrudis, Sab é quem pontua o árduo dia a dia dos escravizados, rotina que ele desconhece por vivência própria, já que fora criado e educado sob a proteção de Dom Carlos, mas que observa em sua sociedade. Sab, como já vimos antes, é capataz da fazenda “Bellavista” e é tratado com respeito e admiração pelos demais escravizados, já que ali os maus-tratos não são empregados. O personagem, em conversa com o pretendente de Carlota, comenta como é difícil a vida dos escravizados nas fazendas:

— É uma vida terrível na verdade [...] debaixo deste céu de fogo o escravo quase desnudo trabalha toda a manhã sem descanso, e no horário terrível do meio-dia ofegante, oprimido pelo peso da lenha e da cana que carrega sobre suas costas, e abrasado pelos raios de sol que torra sua tez, chega o infeliz a gozar de todos os prazeres que tem a vida para ele: duas horas de sono e uma escassa dieta. (GÓMEZ DE AVELLANEDA, 2000, p. 15, primeira parte, tradução nossa)¹⁵.

Outro momento em que se observa a condição aviltante da vida do escravizado em *Sab* ocorre quando Carlota encontra os cativos da fazenda do seu pai. Após alguns momentos de interação, no qual a jovem lhes rende atenção e doa-lhes o dinheiro que levava em seus bolsos, sendo assim abençoada pelo grupo, ela reflete:

— Pobres infelizes! — exclamou. — Julgam-se afortunados, porque não lhes são ofertadas pauladas e injurias, e comem tranquilamente o pão da escravidão. Julgam-se afortunados e são escravos seus filhos antes de sair do ventre de suas mães, e os veem serem vendidos como feras irracionais... a seus filhos, carne e sangue sua! Quando eu for a esposa de Enrique — acrescentou depois de um momento de silêncio —, nenhum infeliz respirará ao meu lado o ar envenenado da escravidão.

¹⁵ Do original em espanhol: “— Es una vida terrible a la verdad [...] bajo este cielo de fuego el esclavo casi desnudo trabaja toda la mañana sin descanso, y a la hora terrible del mediodía jadeando, abrumado bajo el peso de la leña y de la caña que conduce sobre sus espaldas, y abrasado por los rayos del sol que tuesta su cutis, llega el infeliz a gozar todos los placeres que tiene para él la vida: dos horas de sueño y una escasa ración.”

Daremos liberdade a todos os nossos negros. (GÓMEZ DE AVELLANEDA, 2000, p. 93, primeira parte, tradução nossa)¹⁶.

Carlota traz em sua reflexão uma perspectiva abolicionista, contudo, quando ela diz “nossos negros”, observamos em sua fala vestígios de um sentimento de posse motivados pelo sistema escravocrata da época.

Em *Úrsula*, deparamo-nos com o relato de Susana, que ao chegar ao Brasil fora escolhida para servir ao Comendador P., irmão de Luísa, mãe da protagonista da obra.

O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (REIS, 2018, p. 104).

Depois de sofrer sob o domínio do comendador, Susana passa a servir à senhora Luísa, após o casamento dessa última com Paulo B. Nas mãos desse novo senhor, encontra um nível de crueldade ainda maior do que a empregada pelo primeiro. Assim relata a escravizada:

Pouco depois casou-se a senhora Luísa B., e ainda a mesma sorte: seu marido era um homem mau, e eu suportei em silêncio o peso do seu rigor. E ela chorava [a senhora Luísa de B.], porque doía-lhe na alma a dureza de seu esposo para com os míseros escravos, mas ele via-os expirar debaixo dos açoites os mais cruéis, das torturas do anjinho, do cepo e outros instrumentos de sua malvadeza, ou então nas prisões onde os sepultavam vivos, onde, carregados de ferros, como malévolos assassinos, acabavam a existência, amaldiçoando a escravidão; e quantas vezes aos mesmos céus!... (REIS, 2018, p. 104).

A narrativa desses cenários, retratando o olhar do escravizado sobre seus dias de cativo, e/ou a de um olhar humanizado para com esses, como vimos nas citações acima, conduz o leitor a ter uma nova perspectiva sobre os atos dos senhores de escravos, uma perspectiva real dos acontecimentos que a sociedade do século XIX se negava a enxergar e fazia de tudo para ocultar, permitindo, assim, que o leitor adote um olhar solidário, empático para com a realidade dos/das escravizados/as.

A presença de uma figura materna é o sexto elemento constitutivo do enredo de *Úrsula* e *Sab*. Nesse sentido, vemos que a existência de uma figura feminina mais velha

¹⁶ Do original em espanhol: “— ¡Pobres infelices! — exclamó —. Se juzgan afortunados, porque no se les prodigan palos e injurias, y comen tranquilamente el pan de la esclavitud. Se juzgan afortunados y son esclavos sus hijos antes de salir del vientre de sus madres, y los ven vender luego como a bestias irracionales... ¡a sus hijos, carne y sangre suya! Cuando yo sea la esposa de Enrique — añadió después de un momento de silencio —, ningún infeliz respirará a mi lado el aire emponzoñado de la esclavitud. Daremos libertad a todos nuestros negros.”

apresenta-se com uma presença acolhedora, que consola e aconselha aos escravizados jovens. Em *Úrsula*, Túlio tem Susana; no romance de Avellaneda, Sab tem a indígena Martina, personagem que ganha espaço de fala para nos apresentar a perspectiva de outro grupo marginalizado, a dos primeiros habitantes das terras americanas. É possível observar como essas representações de figuras maternas desconstroem a imagem disseminada pela literatura canônica, na qual mulheres negras escravizadas são retratadas como cuidadoras e amas de leite dos filhos das mulheres brancas. Conceição Evaristo, ao refletir sobre a imagem da personagem feminina afro-brasileira em nossa literatura, expõe que a mulher negra

[...] não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. E quando se tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário da mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. (EVARISTO, 2009, p. 23-24).

A representação das mulheres indígenas na literatura canônica apresenta um padrão semelhante ao descrito por Evaristo (2009) em relação à mulher negra. Percebe-se, de maneira geral, que em nossa historiografia literária os indígenas foram retratados a partir de visões etnocêntricas estereotipadas, sendo considerados bárbaros, preguiçosos e promíscuos e, já no século XIX, como símbolo nacional, idealizado na literatura do período romântico. De acordo com a pesquisadora Julie Dorrigo, a mulher indígena, desde os textos fundacionais da nossa literatura, vem sendo representada como uma mulher que encena o pecado “[...] sendo o oposto de beleza, sacralidade e sem o direito de ter bebês lindos, por causa de sua nudez e pertença étnica, contrários ao paradigma do que deveria ser a mulher ocidental — branca, judaico-cristã, casada [...]” (DORRICO, 2018, p. 246).

Nesse contexto, em que trazemos duas figuras femininas, uma negra e outra indígena, é relevante observarmos a representação da mulher branca em ambos os romances. Em *Sab*, temos Carlota que, prisioneira de seus próprios desejos, torna-se vítima de um matrimônio de aparência do qual não pode desvincular-se. Ao final do livro, a personagem encontra-se nitidamente resignada e infeliz com seu destino. Já no romance de Firmina, temos Úrsula que é vítima dos desejos do tio, fazendeiro poderoso e um importante senhor de escravos. Por mais que a personagem tente fugir do poder patriarcal concedido pela sociedade a esse tio, é inútil a sua luta, fato que acarreta a morte do seu amado Tancredo, dos escravizados Túlio e Susana e da própria Úrsula.

Na obra da autora cubana, o personagem Sab compara a escravidão enfrentada pelos negros com a vida de opressão e repressão experienciada pela mulher. No texto de sua carta dirigida a Teresa, ele reflete:

Oh! As mulheres! Pobres e cegas vítimas! Como os escravos elas arrastam pacientemente sua corrente e baixam a cabeça sob o jugo das leis humanas. Sem outro guia que seu coração ignorante e crédulo escolhem um dono para toda a vida. O escravo pelo menos pode trocar de dono, pode esperar que juntando ouro comprará algum dia a sua liberdade: mas a mulher, quando levanta suas mãos enfraquecidas e sua face ultrajada, para pedir liberdade, ouve ao monstro de voz sepulcral que lhe grita: ‘Na tumba’. (GÓMEZ DE AVELLANEDA, 2000, p. 143, segunda parte, tradução nossa)¹⁷.

No romance de *Firmina*, a mãe de Úrsula encontra alívio ao abençoar o noivado da filha com o jovem Tancredo, já que, com a proteção de uma figura masculina, e principalmente com a perspectiva de um iminente casamento, julga ela, a jovem já não estaria desamparada.

— Meus filhos, eu os abençoo em nome de Deus. Que ele escute a minha oração, e os vossos dias corram risonhos e tranquilos sobre a terra.
E depois acrescentou — Bendito seja o Senhor! Minha filha não será mais uma desditosa órfã! (REIS, 2018, p. 97-98).

Assim, percebemos como o romance, retratando a concepção da sociedade oitocentista, atrela a sobrevivência da mulher à proteção de um homem. Sobre essa questão, Duarte (2018b) sinaliza que o romance *Úrsula*

[...] situa a escravidão num contexto de supremacia da vontade senhorial como poder absoluto. E percebe-se logo a inserção da mulher também como individualidade sequestrada e elemento submetido, em síntese, uma personalidade moldada para a obediência, numa inédita postura de *interseccionalidade* entre gênero e etnia. (DUARTE, 2018b, p. 228, grifo do autor).

Observamos que em *Úrsula*, além da representação do poder masculino patriarcalista com base em uma moral digna atribuída aos homens por meio do personagem Tancredo, encontramos outro tipo de poder masculino, que representa a face mais cruel do patriarcado, no personagem comendador Fernando, o tio obsessivo da protagonista. Esse, por sua vez,

¹⁷ Do original em espanhol: “¡Oh!, ¡las mujeres! ¡Pobres y ciegas víctimas! Como los esclavos ellas arrastran pacientemente su cadena y bajan la cabeza bajo el yugo de las leyes humanas. Sin otra guía que su corazón ignorante y crédulo eligen un dueño para toda la vida. El esclavo al menos puede cambiar de amo, puede esperar que juntando oro comprará algún día su libertad: pero la mujer, cuando levanta sus manos enflaquecidas y su frente ultrajada, para pedir libertad, oye al monstruo de voz sepulcral que le grita: ‘En la tumba’.”

utiliza todo o poder outorgado pelo sistema patriarcal e por sua respeitada posição social de fazendeiro e grande senhor de escravos para cometer atrocidades em nome dos seus desejos, sendo extremamente cruel com os escravizados sob seu domínio e um homem que persegue e impõe sua vontade em oposição ao desejo de sua sobrinha. Dessa maneira, como expõe Duarte (2018b), configura-se que “[...] o romance denuncia o triângulo social em cujo vértice se coloca a vontade do senhor como intocável, a oprimir os que estão sob sua tutela: a *mulher* e o *escravizado*.” (DUARTE, 2018b, p. 228, grifos do autor). Podemos ver um exemplo dessa denúncia em um fragmento da obra, abaixo destacado, no qual é retratado o momento em que o comendador Fernando direciona sua ira à escravizada Susana:

— Susana! Hás de pagar-me! – bradou fora de si. — Não zombarás de mim impunemente. Ao inferno descerás, negra maldita, e todo o meu rigor não bastará para a tua punição. Foi de balde que tentastes iludir-me! O coração bem me dizia, que a não acharia aqui!...
Tancredo! Infame!... Seus nomes enlaçados no tronco do jatobá, em que a vi a vez primeira, traiu-me o estado do seu coração. Ela o ama, já o sabia; mas o seu amor não poderá resistir ao meu ódio. Juro, mulher, que hás de ser minha esposa, ou o inferno nos receberá a ambos! (REIS, 2018, p. 150).

No trecho acima, vemos a representação do poder dessa vontade senhoril, mencionada por Duarte (2018b), quando o comendador almeja que todos à sua volta satisfaçam os seus desejos e, quando isso não ocorre, atua com prepotência e violência, prometendo vingar-se de Susana, escrava que para ele ajudou Úrsula a fugir de suas mãos. Logo após, ele direciona sua raiva a Tancredo, o noivo da jovem, e, por fim, promete que Úrsula será sua esposa. As falas do comendador são o reflexo de uma sociedade dominada por uma visão de mundo patriarcal, no qual o homem branco, cristão e de posses tinha poderes ilimitados, se colocando acima do bem e do mal.

Já no que diz respeito ao tema no romance *Sab*, Pastor (2002) observa que o intuito de Avellaneda era o de afirmar a sua ideologia feminista com o auxílio de um paralelismo entre a situação dos escravizados e a situação da mulher ante a força do patriarcado exercido pela sociedade burguesa que controlava tanto o sistema escravocrata como o destino das mulheres. Com base nesse panorama, Pastor (2002) justifica que a escolha de relacionar a posição do negro escravizado e da mulher em *Sab* se dá pela constituição sócio-cultural a qual a autora estava inserida.

Desde uma tenra idade, Avellaneda enfrentou as tradições repressivas de sua cultura e tinha despertado para a realidade marginal que experimentavam as mulheres na sociedade. Daí que, submergida no contexto real da escravidão negra, equipara a

situação da mulher com a do escravo negro. (PASTOR, 2002, p. 91, tradução nossa)¹⁸.

Para a pesquisadora, “*Sab* constitui um discurso de marginalização híbrida que vincula a posição e a condição social da mulher com a representação do ‘Outro’, nesse caso o escravo”. (PASTOR, 2002, p. 91, tradução nossa)¹⁹. Com isso, a autora destaca que Gertrudis “[...] gera um discurso de alteridade dentro de um discurso falocêntrico, questionando os mitos fossilizados do sistema patriarcal [...]” (PASTOR, 2002, p. 92, tradução nossa)²⁰.

Por todas essas questões elencadas acima, essa relação gênero e etnia configura-se como o sétimo ponto de intersecção entre as obras. Refletindo sobre essa questão, retomemos o argumento de Del Priore (2012) quando a historiadora comenta que o poder patriarcal assegurado ao homem pela Igreja com relação à escravidão se reproduzia nas relações entre marido e mulher e aqui acrescentamos, entre o sexo masculino e o sexo feminino de maneira generalizada. Sendo esse poder mais daninho no que diz respeito à condição das mulheres negras escravizadas, uma vez que, como expõe hooks (1995):

Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo, sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. (HOOKS, 1995, p. 469).

A exposição dessa relação gênero e etnia, em textos literários produzidos por mulheres que viveram em sociedades tão repressoras, é de extrema importância para o reconhecimento da complexa estruturação e cadeia de elementos que perfazem, ainda hoje em dia, a visão estereotipada associada às mulheres e, de maneira mais contundente, às mulheres negras que são, muitas vezes, coagidas a aceitar a imposição de papéis sociais, construto de uma sociedade machista, sexista e racista.

Facina (2004, p. 10) expõe que “[...] toda criação literária é um produto histórico, produzido numa sociedade específica, por um indivíduo inserido nela por meio de múltiplos

¹⁸ Do original em espanhol: “Desde muy temprana edad, Avellaneda se había enfrentado a las tradiciones represivas de su cultura y había despertado a la realidad marginal que experimentaban las mujeres en la sociedad. De ahí que, sumergida en el contexto real de la esclavitud negra, equiparara la situación de la mujer con la del esclavo negro.”

¹⁹ Do original em espanhol: “*Sab* constituye un discurso de marginación híbrida que vincula la posición y la condición social de la mujer con la representación del ‘Otro’, en este caso el esclavo.”

²⁰ Do original em espanhol: “[...] genera un discurso de otredad dentro de un discurso falocéntrico, cuestionando los mitos fossilizados del sistema de patriarcado [...]”

pertencimentos”. Nessa lógica, Gertrudis e Firmina aportam o seu fazer literário nesse lugar de fala no qual cabem múltiplos pertencimentos derivados do contexto social que as envolvia. Logo, em suas obras ecoam vozes literárias advindas do lugar de pertencimento de uma mulher branca, Gertrudis, de uma mulher negra, Firmina, e de cidadãs de sociedades escravocratas.

Assim sendo, com base na análise apresentada, verificamos a presença de um fio narrativo ideológico, o que constitui em ambas as obras o alicerce de um argumento crítico sobre a sociedade patriarcal escravocrata. Dessa maneira, constatamos a presença de sete elementos temáticos que conduzem o desenvolvimento desse fio narrativo e que foram elencados ao longo deste capítulo, são eles: a apresentação do enredo com o encontro do homem branco e do homem negro escravizado; o aspecto religioso como argumento contra a escravidão; a consciência do escravizado acerca da sua dignidade; o olhar para a pátria mãe; o relato da vida em cativeiro; a presença de uma figura materna que acolhe os escravizados e, por fim, a relação gênero e etnia.

Foi com base nesses aspectos que Gertrudis Gómez de Avellaneda e Maria Firmina dos Reis constituíram o arcabouço propagandístico dos romances analisados, utilizando, para isso, elementos narrativos planejados para guiar a compreensão da mensagem de suas obras por parte do leitor. Sobre essa característica do fazer literário, Candido (2004, p. 180) expressa que

[...] há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. Estes níveis são os que chamam imediatamente a atenção e é neles que o autor injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão etc.

Nesse sentido, para auxiliar a compreensão do processo de criação literária ressalta-se a importância de uma perspectiva antropológica para que assim possamos entender a lógica por trás das visões inseridas pelo/a autor/a. Com base nessa perspectiva, Facina (2004, p. 46) salienta que

é preciso entender a lógica das visões de mundo, dos juízos de valor e das opiniões políticas que os escritores elaboram em seus textos. Concordemos ou não com suas ideias, explicá-las depende do reconhecimento de uma estrutura de argumentação, que pode ser mais ou menos coerente, mas que é constitutiva do que Clifford Geertz chamaria de ‘ponto de vista narrativo’.

A partir desse enfoque, percebemos que as temáticas abordadas ao longo de *Sab* e *Úrsula* foram entrelaçadas através dos níveis de conhecimento intencional mencionados por

Candido (2004), compondo, assim, o ponto de vista narrativo referido por Facina (2004). Com isso, evidencia-se a intenção propagandística que as autoras tinham por finalidade, isto é, a reflexão sobre a condição dos escravizados, a brutalidade dessa condição e quão bárbaros eram os homens que a perpetuavam, como também a intrínseca relação entre o sistema escravocrata e o patriarcado, constituindo, dessa maneira, dois grupos marginalizados: o dos escravizados e das escravizadas, prisioneiros/as em função de sua raça e sua classe, e o das mulheres brancas, supostamente livres, mas também prisioneiras de sua condição de gênero.

O uso desse conhecimento intencional para a divulgação de uma ideologia surge com base na estruturação social da sociedade de um artista. Portanto, seu uso é indissociável de seu contexto sócio-histórico, pois, como bem explica Candido (2010, p. 14), “[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” Ou seja, tanto o contexto sócio-histórico no qual a obra de uma artista está circunscrita como a sua percepção de mundo, que é orientada por tal contexto, será, muitas vezes, inspiração para a criação literária.

Duarte (2018b) tece um comentário sobre *Úrsula* que coaduna com a perspectiva até aqui explanada sobre a intenção propagandística de Firmina e o que, consequentemente, também observamos na obra de Gertrudis. Para o pesquisador:

Situando *Úrsula* no contexto da narrativa folhetinesca, pode-se aquilatar o quanto a escritora se apropria das técnicas do romance de fácil aceitação popular, a fim de utilizá-las como instrumento a favor do seu projeto de dignificação dos oprimidos — e não apenas dos escravizados. (DUARTE, 2018b, p. 227).

A respeito de *Sab*, Pastor (2002) observa que essa obra “[...] não reflete a imagem estereotipada do escravizado e Avellaneda o faz porta-voz da denúncia da injustiça inerente à posição não apenas dos escravos, mas também, indiretamente, da condição social da mulher.” (PASTOR, 2002, p. 95)²¹.

Nesse sentido, percebemos que Gertrudis e Firmina, ao darem espaço para um projeto de dignificação de grupos oprimidos, abrem espaço para um processo que vai além da humanização dos seus personagens. Diante dessa perspectiva, observamos que a humanização dos personagens em *Sab* e em *Úrsula* promove uma reflexão, sobretudo acerca da situação do escravizado e, em um segundo plano, sobre a mulher. A promoção dessa reflexão é, então, um

²¹ Do original em espanhol: “[...] no refleja la imagen estereotipada del esclavo y Avellaneda lo hace portavoz de la denuncia de la injusticia inherente en la posición no sólo de los esclavos, sino también, indirectamente, de la condición social de la mujer.”

ponto-chave para desencadear no público dessas obras uma maior empatia para com os/as marginalizados/as. Assim, os romances de Gertrudis e Firmina cumprem a função social de nos organizar, libertar e humanizar, pois, como bem define Candido (2004, p.186), a literatura “[...] pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”. O autor, porém, ressalta que a organização social pode tanto ampliar como restringir o proveito desse bem.

Sobre essa visão de Candido (2004), de que a organização social tem uma atuação sobre a ampliação ou a restrição da circulação de obras literárias, vemos como de fato essa observação se concretiza na difusão dos romances das autoras aqui investigadas. Como já expomos em outro momento, Gertrudis teve em seu tempo sucesso como escritora e conseqüentemente sua obra foi divulgada. O fato de Avellaneda ser uma mulher branca e de origem abastada, sem dúvida, contribuiu para tal resultado, ainda que ela tenha enfrentado tentativas de silenciamento como, por exemplo, com a censura do romance *Sab*, publicado na Espanha em 1841, que ao chegar a Cuba teve seus exemplares proibidos de circular. Como já comentado anteriormente, Cuba só abandonaria o sistema escravocrata no ano de 1886. Nesse sentido, o sistema patriarcal escravocrata do país caribenho, imbuído em preservar seus interesses, restringiu o proveito dessa obra em temor à reação social que ela poderia desencadear.

Já a obra de Firmina, mulher negra, pobre e nordestina, foi restringida a tal ponto que a autora foi totalmente apagada da historiografia literária por mais de um século. Como vimos no capítulo anterior, ainda que em seu tempo ela tenha obtido reconhecimento dentro do seu restrito círculo social, as obras da autora não chegaram aos grandes centros do Império.

Diante do exposto, observamos que por causa da intenção propagandística orquestrada pelas autoras oitocentistas em seus respectivos romances, verifica-se que tanto a cubana quanto a brasileira sofreram retaliações em seu tempo, salientando que, como já explicitado anteriormente, os diferentes níveis dessas retaliações envolvem uma questão de gênero e de raça. Portanto, observa-se que a sociedade escravocrata cubana e brasileira, preocupadas em preservar seus interesses, rechaçou as obras aqui analisadas por elas darem vazão a uma perspectiva humanitária que seria, naquela época, prejudicial aos interesses do patriarcado escravocrata, sobretudo, num contexto em que as lutas abolicionistas eclodiam pressionando esses países a decretarem o final do sistema escravagista.

Diante do exposto, podemos afirmar que os enredos dos romances analisados trazem um elemento novo para a Literatura Latino-americana: a humanização dos personagens

escravizados. Observamos que todos os elementos constituintes do fio narrativo ideológico dessas obras confluem para uma nova visão do escravizado, uma visão relegada pela sociedade oitocentista. Nesse contexto, quando as autoras em seus prólogos parecem desmerecer suas criações, como abordamos em nossa terceira seção, elas estão nada menos que preparando a recepção do leitor não acostumado à perspectiva ficcional por elas construídas. Ao dar espaço e protagonismo para os/as escravizados/as ecoarem suas vozes, Gertrudis e Firmina convidam o (a) leitor (a) a refletir sobre a condição dessas personagens oprimidas, permitindo, desse modo, a construção de um senso empático e de alteridade, assim como a construção de um senso crítico ante a atuação do sistema escravocrata em Cuba e no Brasil.

Nesse universo, a produção artística literária de Gertrudis e Firmina insere-se em um dos ângulos, descritos por Candido (2004), que perfaz a relação entre literatura e direitos humanos. Para o crítico, “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (CANDIDO, 2004, p. 186). Esses elementos de desmascaramento dos problemas sociais destacados por Candido (2004) foram observados ao longo da análise realizada neste capítulo, o que coaduna com o que destaca Andreta (2016, p. 113) ao expor que as autoras de “[...] *Úrsula e Sab*, ao subverter os tradicionais padrões de cultura de subordinação feminina, ao tecer críticas às sociedades patriarcais e escravocratas brasileira e cubana do século XIX, acabaram também por desestabilizar as identidades nacionais”. Dentro desse cenário, Gertrudis e Firmina utilizaram o seu fazer literário como um objeto de denúncia dessas realidades, concedendo a seus leitores uma oportunidade de reflexão, elemento essencial para construção de um senso crítico que permita uma sociedade posicionar-se diante de sistemas de controle instaurados por indivíduos que ocupam os espaços de poder.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de autoria feminina produzida no século XIX, como abordamos ao longo deste trabalho, foi uma literatura que lutou para romper com o tácito poder do sexo masculino estabelecido desde a Antiguidade e disseminado com maior profusão a partir da Idade Média, quando foi atribuído às mulheres o cuidado do lar e aos homens o direito à vida pública, sendo, então, as mulheres silenciadas no círculo doméstico imposto a elas pelo patriarcado. Nesse contexto, verificamos que as autoras oitocentistas aqui investigadas, a cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda e a brasileira Maria Firmina dos Reis, teceram obras transgressoras, trazendo uma nova perspectiva na representação de corpos historicamente marginalizados.

A análise dos pontos de intersecção dos romances *Sab* e *Úrsula* demonstra que suas autoras, de línguas distintas, vivendo em continentes diferentes e com distintos lugares de pertencimento, encontram-se dentro do movimento romântico para constituir uma voz narrativa que denuncia o flagelo da escravidão através de um olhar que ilumina uma realidade oprimida e quase que intocável nas centúrias oitocentistas.

Em *Sab*, Gertrudis Gómez de Avellaneda traz um novo recurso para a construção do enredo, é o homem escravizado que se apaixona pela mulher branca e não o senhor branco que se apaixona pela mulher negra escravizada, essa troca de papéis permite que a autora estabeleça um diálogo entre a condição dos escravizados e a condição feminina, temática tão presente na vida da escritora que sempre lutou por um espaço de reconhecimento para as mulheres. Assim, em *Sab* temos a denúncia da opressão e silenciamento de dois grupos marginalizados: os escravizados e as mulheres. Nesse caso, a condição do homem escravizado, da mulher escravizada e a condição da mulher branca perante a sociedade se refletem diante de um mesmo espelho, criando uma leitura interpretativa que tem seu lugar a partir da representação do outro, como nos trouxe Pastor (2002). Vale a pena ressaltar, como abordado em nosso último capítulo, que a pena de Gertrudis também dá lugar a outro grupo de oprimidos de bastante relevância no que concerne à história da formação dos países colonizados no Novo Mundo, a dos indígenas, que tem seu lugar de fala na personagem Martina.

Sobre *Úrsula*, devemos ressaltar a importância de Maria Firmina dos Reis como autora afro-brasileira fundadora de uma nova perspectiva literária dentro do cenário cultural e social do século XIX. A ousadia literária de Firmina, ao trazer a perspectiva dos/das escravizados/as a partir de uma posição humanizada desses corpos e, se atrelamos a isso, a

condensação dos fatores socioculturais que envolviam a autora — mencionados ao longo deste trabalho: mulher negra, pobre e nordestina —, faz-nos compreender que todos esses aspectos confluíram para que ela fosse banida por mais de um século da historiografia literária brasileira e, mesmo hoje em dia, após a redescoberta de sua obra, observa-se que os espaços alcançados por essa é, em sua maioria, com a contribuição de editoras universitárias. *Úrsula*, uma obra tão importante para o reconhecimento da ancestralidade afro-brasileira, ainda não é uma obra acessível ao público leitor não acadêmico que consome literatura por meio de editoras consagradas dentro do cenário literário brasileiro, o silenciamento de sua obra ainda persiste. Nesse contexto, este trabalho se soma a outros escritos no âmbito acadêmico como mais uma semente plantada para que a obra dessa autora floresça nos compêndios literários e nas prateleiras dos mais diversos leitores brasileiros, que Firmina tenha o destaque que merece pela importante contribuição do seu fazer literário como escritora brasileira.

É importante, neste momento, voltarmos a refletir sobre a questão do silenciamento imposto às mulheres pelo patriarcado, trazendo novamente a fala de Cabal (2000), mencionada no início deste trabalho, de que há mulheres silenciosas e silenciadas, a diferença se centra em que para a primeira há uma opção de escolha; para a segunda, não. Nesse sentido, respeitando a trajetória individual de cada autora, sua condição social e racial, vemos como Gertrudis e Firmina foram mulheres que tiveram, desde diferentes perspectivas, suas vozes silenciadas pelo patriarcado, porém, apesar de silenciadas, essas autoras conseguiram fazer com que suas vozes perdurassem através da literatura utilizada como artefato estético e também de denúncia.

Enquanto autora deste trabalho, inspirada pelas trajetórias de Avellaneda e Firmina, ressalto o direito e a necessidade de acesso a uma educação de qualidade por parte de grupos oprimidos como mulheres, negros, indígenas, pobres e demais grupos em situação de vulnerabilidade social. É somente o acesso à educação que pode nos libertar do silenciamento imposto pelo patriarcalismo estrutural da nossa sociedade. É necessário conhecimento para refletir, para entender, para falar, para denunciar e para lutar.

Por todo o exposto, não posso finalizar este trabalho sem antes trazê-lo para um contexto que, por minha formação, é tão caro para mim. Nesse sentido, endosso a necessidade de levarmos as autoras e obras aqui investigadas para o âmbito do ensino da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola no Ensino Básico. Como professora de ambas as áreas, desejo que este trabalho também inspire demais professores dessas disciplinas a trabalharem de maneira multidisciplinar, quiçá interdisciplinar, com docentes de demais áreas do

conhecimento, fomentando, com isso, a possibilidade de um olhar crítico sobre o preconceito racial e a condição da mulher, olhando para o passado para refletir sobre o nosso presente, visto que nas sociedades latino-americanas, e em muitas outras, ainda é premente a luta contra o racismo e pelo direito do negro e da mulher de ocuparem os espaços de poder. Nesse contexto, apesar da Língua Espanhola ter tido sua oferta desobrigada como disciplina do currículo obrigatório para o Ensino Médio nos documentos a nível federativo, podemos, todavia, apoiarmos em pontos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para validar a proposta aqui defendida. Vale ressaltar que em muitos estados, inclusive aqui na Paraíba, o ensino do Espanhol foi regulamentado na rede pública através de leis estaduais.

A BNCC sinaliza, na área de Linguagens e suas tecnologias, a necessidade de trabalharmos a habilidade de código “EM13LGG302”, a qual nos direciona a trabalhar diferentes tipos de linguagem que possam aguçar o senso crítico do nosso alunado, levando-o a reflexão e, conseqüentemente, a ter um posicionamento diante de diversas situações. Leia-se o texto da proposta da habilidade: “Compreender e posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação. (BRASIL, 2019, p. 485). Além disso, uma das orientações da BNCC para a progressão da aprendizagem e das habilidades em Língua Portuguesa no Ensino Médio recomenda “a inclusão de obras da tradição literária brasileira e de suas referências ocidentais — em especial da literatura portuguesa —, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e *latino-americana*.” (BRASIL, 2019, p. 492, grifo nosso). O documento ainda traz o seguinte ponto como parâmetro para a organização curricular/progressão curricular:

Diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (slams, vídeos de diferentes tipos, playlists comentadas, raps e outros gêneros musicais etc.), minicontos, nanocontos, best-sellers, literatura juvenil brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil. Ampliar o repertório de clássicos brasileiros e estrangeiros com obras mais complexas que representem desafio para os estudantes do ponto de vista dos códigos linguísticos, éticos e estéticos. (BRASIL, 2019, p. 514).

Com base no exposto, professores/as de Língua Portuguesa e Língua Espanhola podem trabalhar sequências didáticas visando o fomento de um ensino intercultural, no qual o/a estudante possa ser estimulado/a a observar como se dá a presença do movimento

romântico em *Úrsula* e em *Sab*, como também confrontar aspectos da sociedade brasileira e cubana no século XIX, o que nos leva a falar sobre a constituição da sociedade latino-americana. Nesse sentido, o trabalho com a literatura pode ser um meio para propiciar a esses alunos acesso a uma nova perspectiva, refletindo criticamente sobre temas tão urgentes para o nosso cenário social, desmitificando construtos sociais acerca das temáticas pertinentes a essas obras, favorecendo a formação de um alunado mais reflexivo, empático e consciente do universo pluricultural que cerca a nossa própria cultura e a cultura dos países latino-americanos, a qual estamos inseridos, ainda que persista um apagamento da nossa consciência como povo latino-americano.

No âmbito acadêmico, espero que esta investigação possa inspirar novos trabalhos sobre ambas as autoras ou separadamente. Em *Úrsula* e em *Sab*, há um mundo interpretativo, além de significativamente representativo, principalmente no que diz respeito à relevância da obra de Firmina para formação da cultura afro-brasileira. Dessa maneira, as vozes literárias dessas autoras necessitam ser ouvidas e desvendadas por trazerem à luz reflexões tão necessárias para a compreensão da formação cultural do povo brasileiro e/ou latino-americano.

Para finalizar, desejo com esta investigação ressaltar a importância do estudo de obras de autoria feminina, principalmente no tocante à produção artística de vozes-mulheres silenciadas por contextos sócio-culturais patriarcalistas que, ainda hoje, conseguem reverberar em nossa sociedade sua visão de organização de mundo. Nesse sentido, como vimos ao longo deste trabalho, é urgente olharmos para a produção literária de mulheres — brancas, negras, indígenas, amarelas —, pois elas nos apresentam uma visão particular na constituição ideológica de suas narrativas, um olhar capaz de iluminar realidades marginalizadas, contribuindo para o processo de humanização do seu público leitor.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, Maria da Conceição Lima. Prefácio. In: FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. Brasília : Senado Federal, 2019. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/562126/Opusculo_humanitario.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 24 fev. 2021.

ANDRETA, Bárbara Loureiro. **Visões da escravidão na América Latina**: “Sab” e “Úrsula”. 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Letras. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

AYALA ARACIL, M^a Ángeles. **Gertrudis Gómez de Avellaneda**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/portales/gertrudis_gomez_de_avellaneda/presentacion/. Acesso em: 17 jul. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **Segundo sexo**: A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. v. 2. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1967.

BILHEIRO, Ivan. A legitimação teológica do sistema de escravidão negra no Brasil: Congruência com o Estado para uma ideologia escravocrata. **CES Revista**, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora-MG, v. 22, n.1, p. 91-101, 2008. Disponível em: https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2008/a_legitimacao.pdf. Acesso em: 01 set. 2019.

BORA, Zélia Monteiro. A Diáspora afro-brasileira em Úrsula de Maria Firmina dos Reis. **Revista del Cesla**, n. 9. Varsóvia, n. 9, p. 77-86, 2006. Disponível em: <https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/217/215>. Acesso em: 03 mar. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 27 abr. 2021.

CABAL, Graciela Beatriz. **Mujer y literatura**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2010. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/mujer-y-literatura--0/html/86c476f2-66a0-4364-9103-51aaa68db73c.html>. Acesso em: 22 fev. 2021.

CABRERA, Olga. Cuba y Brasil: el negro en la intersección de los conceptos. **Espiral (Guadalaj.)**, Guadalajara, v. 14, n. 41, p. 207-219, abr. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-05652008000200007&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 06 abr. 2021.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CHRISTIAN, Barbara. A disputa das teorias. Tradução de Liane Schneider. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1. p. 85-97, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100005/8760>. Acesso em: 19 abr. 2021.

CONEJO POLAR, Antonio. Aves sin nido como alegoría nacional. In.: MATTO DE TURNER, Clorinda. **Aves sin nido**. Caracas: Biblioteca de Ayacucho, 1994, p. IX-XXV.

DEL Priore, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2014.

DORRICO, Julie. Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 227-255. Disponível em: <http://atempa.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Literatura-ind%C3%ADgena-contempor%C3%A2nea-Livro-.pdf>. Acesso em 03 jul. 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina, mulher do seu tempo e do seu país (cronologia). In: REIS, Maria Firmina. **Úrsula**: romance; “A escrava”: conto. 7. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018a, p. 9-22.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Úrsula* e a desconstrução da razão negra ocidental (posfácio). In: REIS, Maria Firmina. **Úrsula**: romance; “A escrava”: conto. 7. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018b, p. 209-236.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em 20 abr. 2021.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares. v. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GÓMEZ DE AVELLANEDA, Gertrudis. **Sab**: por la señorita Gertrudis Gómez de Avellaneda. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: Alicante, 2000. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcbg2m1>. Acesso em: 16 out. 2018.

GUARDIA, Sara Beatriz. Literatura e escrita feminina na América Latina. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 18, p. 15-44, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18nesp1p15>. Acesso em: 16 fev. 2021.

GUERRA, Lucía. Estrategias femeninas en la elaboración del sujeto romántico en la obra de Gertrudis Gómez de Avellaneda. **Revista Iberoamericana**, n. 51, p. 707-722, dez. 1985.

Disponível em: <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/4094>. Acesso em: 21 abr. 2021.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. Tradução de Marcos Santarrita. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, jun/dez. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 19 abr. 2021.

LEMO, Cleide. Apresentação. In: LOPES, Júlia Almeida. **Ânsia eterna**. Brasília: Senado Federal, 2019. p. 7-15. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580577/Ansia_Eterna_2ed.pdf?sequence=6&isAllowed=y. Acesso em: 24 abr. 2021.

MUÑOZ, Juliana Fillies Testa. **O negro na construção da identidade nacional**: auto e heteroimagens no romance abolicionista cubano e brasileiro. 2016. 243f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada e em Filologia Românica) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (Brasil); Romanisches Seminar/Portugiesisch-Brasilianisches Institut, Universität zu Köln, Colônia (Alemanha). Disponível em: https://kups.ub.unikoeln.de/6769/1/MUNOZ.O_negro_na_constru%C3%A7%C3%A3o_da_identidade_nacional.pdf. Acesso em: 06 abr. 2021.

PASTOR, Brígida. El discurso de Gertrudis Gómez de Avellaneda: identidad femenina y otredad. **Cuadernos de América sin Nombre**. n. 6. Valencia: Universidad de Alicante, 2002. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6279/1/CuadernosASN_06.pdf. Acesso em: 27 fev. 2021.

PEREIRA, Danglei de Castro. Maria Firmina dos Reis: uma voz em conflito. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. p. 7-10. Disponível em: <https://livraria.camara.leg.br/ursula-e-outras-obras>. Acesso em: 13 out. 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo, editora Contexto, 2007.

REIS, Maria Firmina. **Úrsula**: romance; “A escrava”: conto. 7. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

RUCQUOI, Adeline. La mujer medieval. **Cuadernos de Historia** 16. n. 12. Información e Historia, S.L., Madrid, 1995.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19479/2/Rafael%20Balseiro%20Zin.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.